

Estados Unidos da America do Norte

Brasilian Guardian Institution

( BRAZILIAN BUREAU OF AMERICAN EDUCATION )

INSTRUCÇÃO E EDUCAÇÃO DOS JOVENS BRASILHEIROS  
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Esta instituição destina-se a facilitar aos jovens brasileiros os -excepcionaes meios educativos norte-americanos, como sejam as excellentes instituições de educação e ensino.

Colloca-os em escolas, collegios e universidades mais adequadas aos seus intentos, conveniencias e necessidades, acompanha os seus estudos, fiscaliza os seus progressos, e incumbe-se de providenciar, em nome e por conta dos paes ou responsaveis, sobre tudo o que fôr necessario.

DIRECTOR:

**Professor M. Cyridião Buarque**

17, STATE STREET, 17.—ROOM 515—NEW-YORK

◆—INFORMAÇÕES—◆

ARTHUR THIRÉ—Rua Oito de Dezembro, 77	Rio de Janeiro
DR. J. DA ROCHA BRESSANE—Rua de S. Bento, 27	S. Paulo
PROF. LUIZ PESSANHA—Rua Aymorés, 1009	Bello Horizonte
PROF. J. DA C. NOGUEIRA—Rua Senna Madureira, 113 A	Fortaleza
PROF. J. DE ALMEIDA GENÚ—Escola " Aurora "	Belem (Pará)

ANNO XI—Nos. 115 e 116

VOL. 11—Nos. 6 e 7

Brazil—Ceará



# REVISTA ESCOLAR

DO

Instituto de Humanidades

DIRECTOR

Joaquim da Costa Nogueira

Fortaleza



Junho e Julho



1914



*Sunt sua præmia laudi*

**Typ. Escolar**

Rua Senna Madureira, 113 A

Fortaleza—Ceará

# SUMMARIO

Edição commemorativa do 10.º anno  
de existencia da REVISTA ESCOLAR

## PARTE COMMEMORATIVA:

VIDA INTENSA . . . . .	<i>Redacção</i>
SALVÊ, 14 DE JULHO! . . . . .	<i>Diversos</i>
AMIGOS DO INSTITUTO . . . . .	<i>Redacção</i>
IMPrensa EM FESTA . . . . .	»
IMPrensa (publicações em permuta)	»
INSTITUIÇÕES, GREMIOS, ETC.	»

## FLORES DA REVISTA:

SEM PRETENÇÕES A ELOGIOS . . . . .	<i>A. Theodorico da Costa</i>
A MANIPULAÇÃO DA LUZ. . . . .	<i>Pedro de Queiroz</i>
O FIM DO ESTADO. . . . .	<i>F. Alves Lima</i>
O NATAL DA REVISTA. . . . .	<i>Antonio Drummond</i>
A ESCOLA MODERNA. . . . .	<i>Julio C. Monteiro</i>
PROFIT. . . . .	<i>Alberto Montezuma</i>
DEZ ANNOS . . . . .	<i>Angelo da Silva</i>
O ALPHABETO . . . . .	<i>A. Dantas Barbosa</i>
INSTITUTO MIGUEL BORGES. . . . .	<i>Od. Castello Branco</i>
HYMNO DO I. DE HUMANIDADES	<i>Alvaro Bomilcar</i>
MOSAICO CEARENSE. . . . .	<i>J. B. Perdigão d'Oliveira</i>
MEU OPTIMISMO . . . . .	<i>Andrade Furtado</i>
VINHETAS . . . . .	<i>Germano Garatuja</i>

## EM NOSSA PASTA:

MISSIVAS HONROSAS. . . . .	<i>Diversos</i>
ACCUSOS DE RECEBIMENTOS . . . . .	»
CONVITES . . . . .	»
COMMUNICAÇÕES . . . . .	»
GENTILEZAS . . . . .	»
REFERENCIAS DA IMPrensa. . . . .	»

## NOTAS DIVERSAS:

SOLUÇÕES. . . . .	<i>Dr. Arthur Thiré</i>
CHRONOLOGIA . . . . .	<i>Prof. e Alumnos do Instituto</i>
BOA LEITURA . . . . .	<i>Redacção</i>

# MEMORANDUM

Nota.  
Ao Sr. Am. Sr. Epiphânio Fonseca  
Jardim das Cardeiras.

Deu-me o "O Diário" vi sua nota  
sobre a notícia do aniversário  
da "Revista Escolar," por ora suspenso  
por falta de papel. Aguardan-  
do que possa afortunada-  
mente, novamente continuarem  
a Revista a sua publicação.  
Com se -

# MEMORANDUM

Em consequencia do brusco, inopinado e prematuro desaparecimento de meu unico e estremecido filho—**JOSE' DE MENDONÇA NOGUEIRA**, assassinado em a noite de 28 de Outubro do anno p. findo, nesta capital, para mim de tão tristes quão dolorosas e impereciveis recordações, resolvi suspender, por tempo indeterminado, o funcionamento do meu antigo collegio «Instituto de Humanidades», motivando, por isso mesmo, a suspensão da REVISTA ESCOLAR, da qual, como dess'outro estabelecimento, fui fundador e director.

Ficam aqui, portanto, estas ligeiras linhas de sobreaviso aos meus presados amigos, paes daquelles que me fizeram a honra de confiar seus filhos para educal-os e ensinal-os; aos Srs. assignantes, illustres collaboradores e apreciadores da REVISTA; aos collegas da imprensa nacional e estrangeira, que a distinguiram, gentilmente, agradecendo sinceramente a todos a prova inconcussa da estima e apreço que sempre me dispensaram.

Fortaleza—Janeiro—1915.

JOAQUIM DA COSTA NOGUEIRA.

# O CASO JOSÉ NOGUEIRA

## Depoimento paterno

PSALMO 81

Com olhar penetrante, que perscruta  
D'alma os intimos seios, Deus assiste  
Invisivel no gremio dos juizes,  
Divindades da terra.

E da sua justiça na tremenda  
Infallivel balança, inexoravel,  
Em meio d'elles, pesa e sentença  
Os mesmos julgadores.

N. N.

Mais do que a ninguem me cumpre a mim, como pae, amigo e educador do inditoso José de Mendonça Nogueira, trazer ao publico as notas que se encontram linhas abaixo, as quaes escrevi para os que bem nos julgaram, querendo-lhes dizer com isto que não empregaram mal seu bom conceito; aos que nos julgaram mal, para que suspendam seu juizo até que a verdade se imponha; para os indifferentes não, porque não é possível sobre este caso haver indifferentes.

Até a hora da prisão de meu inditoso filho, estava eu na mais completa insciencia do que se havia passado, dias antes, entre elle e Sixto Bivar, no interior da Livraria H. Barroso & Cia., onde é empregado este ultimo.

Passava eu defronte da Delegacia de Policia, onde estacionava grande ajuntamento de pessoas que curiosamente aguardavam o resultado do que lá dentro se dava.

Simulando pouco interesse pelo caso e menos curiosidade, por me não querer envolver nas questões da terra, todas ellas, na maioria dos casos, tendentes á politicagem, á qual sou, por indole e por principios infenso, fui lentamente atravessando a multidão, pondo-me á discreção dos commentarios que faziam.

Nessa occasião, toca-me no hombro o sr. Americo Justa, negociante á Praça José de Alencar, e diz-me apontando para o Posto:—«Professor, aquillo é com o seu filho. Elle acaba de ser preso.»

Immediatamente me dirijo para o Posto, peço licença ao guarda que se achava á porta e entro.

A pequena sala que serve de audiencia ás partes, fica ás vistas do publico, porta larga, sempre ás escancaras, sem um reposteiro ao menos que acoberte a vergonha dos que ali constrangidamente entram.

Encontrei meu filho calmamente sentado em um sofá, de onde podia ser visto de fóra; a um angulo da saleta, abrigado dos olhares curiosos do publico, de pé, braços cruzados sobre o peito, Sixto Bivar, olhos incendidos, physionomia alterada.

Achavam-se ahi tambem presentes o sr. Candido Olegario Moreira, zeloso escrivão da Policia, que gentilmente me recebeu fazendo-me sentar ao lado de

meu filho; e um guarda, sentado á banca do chefe, o qual não parecia ser tal.

Do lado de fóra, separados sómente do interior, pela rotula aberta de par em par, na parte superior, notei ainda em grande evidencia o sr. dr. Hermino Barroso, chefe da casa H. Barroso & Cia., então secretario da Fazenda e hoje do Interior, e o tenente de artilheria Ernesto Ramos de Medeiros, commandante do 2.º Corpo de Policia do Estado.

Não posso precisar as outras pessoas que os rodeavam.

Syndicando do sr. escrivão da Delegacia, do motivo de achar-se meu filho ali detido, respondeu-me attentosamente, gesticulando uma desculpa, que nada sabia.

Dirigindo a mesma pergunta ao guarda que desempenhava o papel de chefe (se não era o chefe!...), este respondeu-me sem se dar ao incommodo de voltar-me o rosto:—«Não sei; só quando chegar a autoridade.»

Inquieto, voltei-me para meu filho e, com ar grave, severo, inquiri:

—«Que ha?!...»

Immediatamente respondeu-me, com voz clara e vibrante:

—«Foi isto, papai: Ha dias fui á casa dos srs. Hermino Barroso & Cia...»

—«Não quero rodeios», repliquei-lhe severamente. «Diga a verdade!»

—«Mas, papae, eu preciso relatar primeiramente o que occorreu entre mim e o sr. Sixto, na Libro-Papelaria, afim de justificar o acto que acabo de commetter. Como disse, fui á casa dos srs. Hermino Barroso & Cia. pedir uma conta de venda de romances que lhes tinha consignado. O sr. Sixto então me disse que só no fim do anno; que a consignação estava escripturada nos livros. Ponderei-lhe que precisava prestar minhas contas ás Emprezas, que as fazia mensalmente e que aquella escripturação podia ser feita em livros mais simples e mais faceis de uma liquidação. O sr. Sixto grosseiramente me disse:

—«Admiro-me de você ha tantos annos no commercio e cada vez mais *tapado*.»

«Em tom brando, porém severo, considerei-lhe que extranhava aquelles modos, pois sempre o tratava com a maxima estima e consideração.»

«Desabridamente respondeu-me:—«E' melhor que você pague as contas de seu pae, *seu gatuno!*»

«Repelli-o energicamente, avançando para elle, não lhe dando ali mesmo o castigo que merecia por ter intervindo o dr. Baltar, de cuja presença sómente naquelle instante me adverti.»

«D'ali sahi indignadissimo, sem mesmo agradecer ao dr. Baltar a sua in-

tervenção, protestando, porém, ao sr. Sixto Bivar exigir-lhe na primeira occasião uma satisfação.»

«Passaram-se seis ou sete dias. Hoje, porém, encontrando-me, por acaso, com o sr. Sixto nas proximidades do Café Java, acerquei-me delle e disse-lhe, sem arrogancia, brandamente:—«Sixto, você me deve uma satisfação pela injuria que atirou a mim e a meu pae.»

—«A satisfação é esta», disse-me elle sacando immediatamente um revolver do boiso.

«Agarrei-me com elle, dei-lhe uns sopapos, rasguei-lhe a camisa, deitei-o ao chão e com a esquerda pude desviar de mim a arma com que pretendia matar-me.»

Foi esta a historia narrada por meu filho, a mim, na Delegacia, deante de todos quantos lá estavam e para cujo testemunho appello.

Durante o curso desta narração, onde só presidiu a verdade, á qual meu querido e inesquecível José prestava sincerissimo culto: a verdade, invocada por mim nesta simples recommendação a meu idolatrado filho ao começar a sua narração:—*Diga a verdade!*; no decorrer desta historia sincera, pura, sem vacillações, sem incertezas, onde meu filho muito se accusa e pouco se preocupa com justificar-se do que praticou por bem da sua honra e da honra de seu desventurado pae—fomos interrompidos diversas vezes pelo *chefe* que, de modo desattencioso, nos mandava calar.

São as seguintes, de que me recordo, as considerações muito justas e sensatas, graduadas desde a prudencia até a vehemencia, que fiz na Delegacia, conforme os aspectos da sincera narração de meu José:

Quando falava pelo telephone para dr. Delegado de Policia, o escrivão sr. Olegario, ao dizer «são dois moços de familia», procurei corrigir:—«Dois moços de familia, não! Diga antes que um é meu filho, desarmado, e o outro—armado, que tentou matar-o.»

Quando meu filho disse que Sixto Bivar lhe puxára um revolver, exclamei:—«Um revolver!!!... Para matar-o, talvez!!!... Mas isto é proprio dos cobardes ou dos perversos!»

Dem o ando a acção da autoridade, de cuja ausencia me resentia, não só por sermos eu e meu filho distinguidos pela generosa amizade do distincto cavalheiro dr. Alipio Baltar, bem como pela sympathia e proverbial nomeada que vem este adquirindo para gaudio de todos no tormentoso cargo de Delegado de Policia—e observando-me o guarda (*chefe*) que devia calar-me, que esperasse pela autoridade, exclamei indignadissimo:

—«E que melhor autoridade senão a de um pae que procura inquirir de seu filho o seu procedimento?!...»

—«Mas está na policia!... Cale-se!!!... retorquiu-me com insolencia o *chefe*.

Observei-lhe com modos mais moderados, que era o pae de José, por quem, neste caracter, me responsabilisava; que meu filho não podia continuar tolhido na sua liberdade, visto não ter praticado crime algum; que, demorando a acção da policia naquella questão, já presentia

o apparecimento da mãe de meu filho naquelle lugar, louca de dôr, a reclamar-o; que finalmente, temia a imprudencia da soltura, ao mesmo tempo, dos dois desavindos, devendo o criminoso ficar detido porque eu ia constituir um advogado para denuncial-o por crime de tentativa de morte.

E d'ali retirei-me allegando meus receios de ficar tambem detido, indo aguardar lá fóra, a sahida de meu filho.

A' porta, quando procurava o passeio defronte do Palacio Iracema, approxima-se de mim, passando-me seu braço pelo meu, o sr. tenente Ernesto de Medeiros, testemunha presencial de tudo o que se deu na Policia, e disse-me:

—Professor, seu filho tem toda razão, procedeu como um cavalheiro, é digno de louvores.

—Perdão, tenente, suas palavras são gentilezas que a minha austeridade de pae não acceta. Preciso pôr a limpo este negocio...

Atalhou-me o amigo, dizendo-me ser voz geral e que, para corroborar o conceito que acabára de fazer de meu filho, fazia suas aquellas palavras ouvidas do dr. Hermino Barroso, dizendo mais que este tinha verberado o vil procedimento do seu empregado.

Nossa conversa foi interrompida com a noticia que me davam de meu filho ter sido solto juntamente com o criminoso.

Immediatamente perguntei, apprehensivo e receioso, referindo-me ao desavindo de meu filho:—Desarmaram-n'o?

Reunido a meu filho, fomos logo cercados por muitas pessoas, que nos felicitavam commentando o occorrido e louvando o seu commettimento.

Querendo, porém, evitar aquellas manifestações, disse para meu filho:—«Vamos para casa. E' preciso chegarmos antes que sua mãe tenha sciencia do occorrido.

—Mas, Papae... Eu tenho um ensaio...

—Nada! rebati. Primeiro justificar-se á sua mãe deste facto vergonhoso! Vamos!

E seguimos. Alguns amigos quizeram acompanhar-nos. Pedi-lhes desculpas, allegando querer evitar alguma emoção forte de minha esposa. Todavia, teimaram em acompanhar-nos o sr. dr. Carlos Rodrigues, meu visinho, e o joven José de Castro Monte, meu antigo alumno.

Em caminho, lembro-me bem, fiz esta pergunta ao meu filho:—«José, porque você não me communicou a desavença que teve com o Sixto na Livraria?»

—«Porque papae é muito exacerbado e eu não queria que soubesse da injuria que Sixto lhe atirou. Pretendia mais amigavelmente pedir-lhe uma satisfação. Não pretendia dar-lhe... A isto, porém, obrigou-me...»

E disse-nos mais:—«Senti tanto a offensa, que fui, acto immediato, á Secretaria da Fazenda, queixar-me ao dr. Hermino Barroso. A alguns amigos pedi mesmo occultassem de papae meu proposito de pedir uma explicação a Sixto. Evitava sempre que papae soubesse, tanto que em roda de amigos declarei que estava disposto a perdoar a Sixto se elle desdissesse...»

Chêgados á casa, apresentei-o á sua mãe, que estava acompanhada de uma visita.

—Eis seu filho, que esteve preso na Policia...

O choque foi grande, que recebeu minha esposa. Nas suas exclamações expressava amorosamente ao filho:—«José, que vergonha para nós!... para seu pae!... um educador!...

Explicado minuciosamente o occorrido, a extremosa mãe de José ao ouvir pronunciar a palavra «revolver», estremeceu e, entre lagrimas, exclamou:—«Meu Deus!... José, você está ferido?»

E eu, e os dois amigos procuramos tranquillizar-a, garantindo-lhe os nossos cuidados, ser os companheiros de José, pois elle tinha de voltar para o ensaio do «Grupo Dramatico João Caetano.»

—«Mas elle vae matar-o, meu filho; não saia! não vá! E' melhor você sair daqui, já, sem demora, da capital...»

Já adivinhava o coração de minha esposa! Já tudo presentia a extremosa mãe de meu filho!

—«Mamãe, dizia o filho compadecido de seus temores, vou somente ao ensaio e, logo que termine, voltarei para casa. Mamãe, tranquillize-se, acalme-se! Olhe!... Hoje é a festa do dr. Salgado... Já não vou mais á festa. Socegue. Vou com papae e volto com elle.»

E assim apartou-se o filho querido de sua mãe extremosa para, momentos depois, tornar a seus braços hirtos, frio, cadaver!

Na praça do Ferreira, então, despediu-se meu filho, de mim e dos dois amigos. Tomou o bond, fazendo-lhe eu antes, na presença dos mesmos, as seguintes recommendações:

—«Não se exalte com o que fez. Evite os commensalios. Faça-se de tímido. Espero-o aqui no mesmo ponto.»

Separando-me de meu filho pela ultima vez, julgando infundados os receios de minha esposa, era intuito meu procurar o dr. Raymundo Ribeiro, meu distincto amigo, a quem pretendia expôr o occorrido e processar a Sixto Bivar.

Divaguei pela praça, pelas avenidas, pelos cinemas, pelos cafés, a procura daquelle amigo, acreditando lóbrigo-o em qualquer desses logradouros, porque quasi sempre nos encontravamos, á noite, trocando relações de franca e cordial amizade.

A esse mesmo tempo, minha esposa, que se ficára muito apprehensiva com a occorrença da Policia, após recolhidos os internos, com os quaes palestrou até 8 1/2 da noite, sahia para a casa da visinha, ao vizeo á nossa, onde era objecto de conversação o caso acontecido na Policia, quando vêem, pela mesma calçada onde se achavam sentadas, passar Sixto Bivar, na direcção da casa da viuva do dr. Oscar Feital, fronteira á nossa.

Ahi pára entre os montões de tijollos e barro da mesma casa, ora em reconstrucção.

Surprehendido por um guarda civil que se achava de plantão á dita obra, dirigiu-se Sixto Bivar para a porta de nossa casa, completamente aberta em toda sua largura, pela qual se projectava do interior a luz intensa e forte de um bico

de encandecente.

Minha esposa, sobresaltada, corre em perseguição de Sixto, acompanhada de sua visinha, que lhe observa:—«D. Oli-

Sixto, ao vêr-se perseguido, dirigiu-se para a viella que communica a rua em que moramos com a praça dos Voluntários, onde se occultou na densa escuridão das mongubeiras.

Minha esposa rodeou o quarteirão pelas ruas do Rosario e Pedro Borges, sem mais revê-lo, voltando para a casa da visinha e considerando afinal de.»

—«José está com o pae, não ha novidade.»

Depois ergueu-se, agitada, inquieta, reflectindo:

—«Estou com vontade de ir até ao Posto... Mas... podem levar o caso ao ridiculo...»

E apprehensiva, sempre apprehensiva, tratava de recolher-se á casa, quando, antes disso, foi surprehendida por dois garotos que, numa carreira infrene, ahi esbarraram perguntando por mim, para um particular...

Não sei pintar a dolorosa scena que se seguiu...

Já se approximava a hora do regresso de meu inditoso filho, e, juntamente com um seu amigo e nosso parente Pedro Riquet Nogueira, dirigi-me para a esquina da praça, fronteira ao Hotel Central, aesperar o bond que devia trazê-lo.

Notei que me cercavam curiosamente. A esse tempo conversava eu com meu amigo dr. Arthur Eduardo de Oliveira, chefe da casa Lundgren, que me abraçava effusivamente, louvando a acção nobre de José, no ultimo encontro que teve com o criminoso.

Augmentando o cerco dos curiosos, convidei-o a retirarmo-nos d'ali para as proximidades do «Café Riche», onde se achava meu parente e amigo Cel. Alfredo Dutra, deputado á Assembléa Estadual, que, já sabedor do assassinio de meu filho, vinha a minha procura.

Foi nesse momento supremo que um guarda civil, acercando-se de mim, dava-me a brusca noticia da enorme desgraça:—«Mataram seu filho!»

Para corroborar alguns pontos do presente depoimento informante, transcrevo, sem commentarios, os documentos que se seguem:

Fortaleza, 2 de Dezembro de 1914.

Illmo. Sr. Dr. Hermino Barroso.

Saudações.

Rogo a V. S.<sup>a</sup>, a bem da verdade, esclarecer-me os seguintes pontos:

3.<sup>o</sup> Se a conta de consignação paga a meu inditoso filho José de Mendonça Nogueira, cujo recibo a firma da qual é V. S.<sup>a</sup> digno chefe, mandou publicar no «Diario do Estado», foi liquidada no mesmo momento da primeira desavença entre dito meu filho e seu empregado Sixto Bivar;

2.<sup>o</sup> Se é veridica a parte da local do «Diario do Estado» de 29 de Outubro do corrente anno—«Dolorosa scena de sangue», onde diz no subtitulo «Outras notas»:—«Contam mais que o dr. Hermino



Barroso se entendeu a esse respeito com José Nogueira, promettendo este nada fazer a Bivar\*;

3º Se meu filho procurou a V. Sª na Secretaria da Fazenda, afim de queixar-se de seu empregado Sixto Bivar por injurias atiradas a mim e a elle;

4º Finalmente, se V. Sª esteve presente no Posto Policial na occasião em que ali estiveram detidos os dois desavindos.

Aguardando a fineza de sua resposta ao pé desta, e que V. Sª consinta em della fazer o uso que me convier, subscrevo-me com estima e consideração

Am. e cr. att.

Joaquim da Costa Nogueira.

Illmo. Sr. Joaquim da Costa Nogueira.

Accedendo ao vosso pedido exarado na carta supra, respondo: ao 1.º ponto, que não estive presente na occasião da primeira desavença entre o vosso desventurado filho e o Sr. Sixto Bivar, mas sei, por informações de um dos meus caixeiros, presente naquella occurrencia, que a liquidação da conta de consignação foi feita depois daquelle facto; ao segundo ponto, pesa-me responder que apesar de meus conselhos não consegui demover o vosso pranteado filho do fatal intento de desaffrontar-se da injuria que, dizia, Sixto lhe arrogara; quanto ao terceiro ponto respondo affirmativamente, com a circumstancia, porém, de que Sixto Bivar sempre negou haver vos injuriado ou ao vosso inditoso filho; finalmente ao quarto ponto respondo affirmativamente.

Podeis fazer dessas respostas o uso que bem vos aprouver.

Do Am. & Cr. Obrig.º

Hermínio Barroso.

Fortaleza, 30 de Novembro de 1914.

Illmo. Sr. Dr. Alipio Baltar, M. Digno Delegado de Policia.

Saudações.

Rogo a V. Sª, a bem da verdade, dando-me direito a fazer de sua resposta o uso que entender, os seguintes esclarecimentos:

1º Se assistiu á scena passada entre meu inditoso filho José de Mendonça Nogueira e Sixto Bivar na casa Hermínio Barroso & Cia., referindo-me, outrossim, o occorrido.

2º Se V. Sª estava presente na Delegacia, na occasião em que ahi compareceram, detidos, meu filho e o dito Sixto Bivar, e a que ordem foram elles soltos.

3º Se foi verificado que meu filho estava armado na occasião em que foi preso, bem assim quando succumbiu assassinado por Sixto Bivar.

Pela gentileza de sua attenção ao meu pedido, grato me confesso.

De V. Sª

Am. e cr. att.

Joaquim da Costa Nogueira.

Fortaleza, em 7 de Dezembro de 1914.

Illm. Sr. Professor Joaquim da Costa Nogueira.

Fortaleza.

Respondendo a carta que V. Sª me dirigiu em data de 30 de Novembro proximo findo, tenho a dizer-lhe quanto ao:

1º item, Que, effectivamente, em dia que nãõ me lembro bem, mas sei que foi poucos dias antes do triste facto do assassinato de seu inditoso filho José de Mendonça Nogueira, cerca de 2 para 3 horas da tarde, ao chegar eu á Livraria dos senhores Hermínio Barroso & Companhia, encontrei sentado a uma carteira o Sr. Sixto Bivar, empregado na dita Livraria, e proximo a elle, em pé, o seu desventurado filho, ouvindo eu distinctamente o referido José Nogueira dizer para Sixto: «Sixto, eu não sou gatuno», respondendo Sixto por estes termos: «José, deixe de ser besta». Terminada essa troca de palavras, Sixto deixou-se ficar na carteira com a cabeça inclinada sobre ella, retirando-se José Nogueira proferindo algumas palavras que não pude perceber bem.

2º Que não estive presente na Delegacia na occasião em que compareceram presos seu desditoso filho e Sixto Bivar, por um incidente havido entre os dois na Praça do Ferreira; mas tive conhecimento desse facto, por intermedio do meu escrivão que m'õ communicou na Pensão Familiar onde me achava; e por elle, que me disse tratar-se de dois socios da sociedade, mandei pôl-os em liberdade.

3º Que, conforme fui informado pelo mesmo escrivão, seu filho José de Mendonça Nogueira, na occasião em que foi preso, como já disse, não conduzia arma alguma; nem tão pouco estava armado quando foi assassinado por Sixto Bivar. Além da informação do mesmo escrivão, essa asserção é confirmada pelo testemunho das pessoas que acompanharam seu filho não só no momento de sua prisão, á tarde, como na occasião de ser assassinado á noite do mesmo dia.

Pode V. Sª fazer desta minha resposta o uso que lhe convier.

Sou de V. Sª

Am. e Cr. Att.º

Alipio Ferreira Baltar.

Deixam de ser estampados aqui, por não querer abusar da gentileza dos illustres e distinctos redactores da «Folha do Povo», outorgando-me tão grande espaço para inserção destas minhas veridicas notas, diversos outros documentos reveladores de muito criterio e verdade, o que farei em breve.

Fortaleza, 15 de Dezembro de 1914.

Joaquim da Costa Nogueira.

ANNO XI—Ns. 115 e 116  
VOL. 11—Nos. 6 e 7  
Brazil—Ceará—Fortaleza

JUNHO E JULHO



REVISTA ESCOLAR 1914

DO

Instituto de Humanidades

DIRECTOR

Joaquim da Costa Nogueira

---

## VIDA INTENSA

(1904-1914)

Completa, justamente hoje, um decennio de sua fundação, esta modesta e pequena *Revista*—vida e alma do Instituto de Humanidades—, que contou, tambem, a 15 de Janeiro do corrente anno, dous lustros de fecunda e utilissima existencia, toda entregue e como que absorvida nos espartanos e afanosos labores escolares.

Não fôra a *Revista*—propulsor e poderosissimo elemento de propaganda intellectual—e o Instituto não estaria hoje tão conhecido e nem tão pouco teria conquistado tão alto renome e feito jús aos honrosos conceitos que o fazem attingir ao nivel do progresso moral e intellectual, emulando assim com seus congeneres, os quaes se impõem por sua maxima importancia e vivo destaque no vasto proscenio do ensino civico.

Mas o que admira, sobretudo, é que, não

sendo a *Revista Escolar* bafejada pelas auras do favor publico, nem contando com recursos pecuniarios que lhe possam fazer face aos largos dispendios imprescindiveis a uma publicação desta natureza, prosiga ainda, impavida e alentada, o seu longo caminhar pela senda asperrima e tortuosa da Imprensa. Em compensação, porém, ha sido muitissimo favorecida pelo concurso o mais opulento, franco, sincero e espontaneo de notaveis e conspicuos homens de letras, que lhe honram e illustram as paginas, sem mirarem interesse de especie alguma, dando-se por muito bem remunerados com o tornarem-na conceituada e ennobrecida com a publicação de seus trabalhos.

E é assim, vantajosamente estimulada e encorajada pelo valioso e incomparavel cabedal de instrução, que lhe proporcionam mensalmente esses infatigaveis luzeiros do saber humano, que a *Revista Escolar* sente-se jubilosissima e desvanecida, ao chegar á méta do decimo anniversario de sua vida, tão accidentada, quão cheia dos louros immarcessiveis que decorrem, quasi sempre, do desempenho de toda missão nobile, excelsa e elevada.

## Salvè, 14 de Julho!

Mais um feliz anniversario acaba de completar o  
 interessante magazine, «*Revista Escolar*»,  
 Uma das mais uteis publicações didacticas  
 que circulam nesta abençoada terra de Santa Cruz!  
 Ao seu intrepido e denodado fundador-proprietario  
 Os nossos mais sinceros e significativos prolaças pela  
 justa e brilhante apothéose commemorativa de tão  
 auspicioso acontecimento!


Camocim, 1.º—VI—MCMXIV

*Julio C. Monteiro.*

*F. Menescal Carneiro.*

*Arthur Barbosa.*

*Victor Nicoláu S. Cavalcante.*



## AMIGOS DO INSTITUTO

Collaboradores,  
Correspondentes,  
Assignantes, etc.

Sob este titulo que damos á presente pagina, onde resumbra a nota mais palpitante da nossa gratidão, registramos os nomes de quantos nos têm distinguido e prestigiado, quer como assíduos e desinteressados collaboradores, dando grande incremento e vida á nossa humilde Revista; quer como correspondentes, desenvolvendo-lhe a maior propaganda, não só no norte e sul do Brasil, mas até além das suas fronteiras; quer como assignantes, concorrendo com seu contingente monetario, que tanto importa para manutenção de sua publicação mensal ininterruptamente durante dez longos annos; e quer, finalmente, no simples character de apreciadores e leitores da mesma, applaudindo e louvando-lhe a selecção dos trabalhos de que vêm repletas suas paginas, que muitissimo a tornam recommendavel e merecedora no conceito dos que sabem de véras aquilatar seu valor scientifico, historico e literario.

CEARA'—Professor Odorico Castello Branco, director do Instituto «Miguel Borges»; a sua comprovada competencia pedagogica e intellectiva deve esta Revista a importancia e grande merito de que actualmente goza.

—Dr. Raymundo F. Ribeiro, advogado; com seu importante trabalho—Historia Universal—vem illustrando e enriquecendo, desde ha muito, as paginas desta Revista.

—Academico Andrade Furtado, professor em diversos collegios nesta capital, redactor-secretario do «Diario do Estado»; ha longos annos que collabora nas columnas deste mensario, mantendo assiduamente a instructiva e utilissima secção

—Cousas Historicas—donde resalta sempre um fundo de moral civica e christã.

—João Baptista Perdigão de Oliveira, notavel historiador cearense; seus trabalhos insertos nesta Revista, constituem, por assim dizer, a nota mais humorística e instructiva, os quaes são sempre lidos, pelos alumnos, com especialissimo agrado.

—Antonio Drummond, advogado; tem constantemente collaborado neste periodico, dando-lhe vivo realce com seus trabalhos de grande e absoluto valor scientifico e literario, distinguindo-se muito pelo seu estylo rigoroso e magistral.

—Dr. Pedro de Queiroz; amigo dos mais devotados e distinctos da Revista, muito se impõe á nossa consideração e respeito pelo seu vasto saber, já tendo transcripto do seu importante livro «Fragmentos» diversos trechos de grande alcance scientifico.

—Julio Cicero Monteiro; é dever de gratidão e justiça dizer aqui que, dentre todos quantos têm cooperado para o adiantamento e progresso mental desta publicação, é um dos que mais se ha imposto á nossa apreciação e reconhecimento, por ser, apesar da distancia que o torna afastado da nossa convivencia, tão pontual e activo na remessa de suas valiosas, proficuas e instructivas producções, cuja inserção dá vida, calor e energia moral á «Revista Escolar», que o contempla no numero dos seus mais presados amigos e mais infatigaveis e competentes collaboradores. «Idioma Rustico», secção que mantém ha longo tempo e na qual tem desenvolvido admiravelmente diversos assumptos correspondentes a este titulo, é um dos trabalhos lidos com summo interesse e attenção, mormente pelos alumnos, por serem elles de natureza tão atrahente quanto instructiva e agradavel.

—Dr. A. Theodorico da Costa, professor do Lyceu, já tendo sido lente de Geographia do Instituto, em cuja materia, que ensinava com rara proficiencia, é consummado, sendo ouvido pelos seus discipulos com viva attenção e interesse.

—Dr. Soriano d'Albuquerque, professor da Faculdade Livre de Direito e membro notavel e saliente de diversas associações scientificas, literarias, historicas, geographicas, etc., tendo algumas vezes publicado nesta Revista trabalhos de grande valor juridico e social, em os quaes é muitissimo versado.

—Dr. Alberto Montezuma, professor do Lyceu e que, por algum tempo, o fôra tambem do Instituto de Humanidades; prestou a esta Revista, incontestavelmente, o concurso brilhante e valioso da sua collaboração, por cujo estylo forte e aprimorado, muito se impõe e recommenda á apreciação dos seus leitores.

—José Pereira Martins; este, pela perseverança e grande força de vontade com que tem trabalhado na confecção material desta Revista, desde a installação de nossas officinas, faz jús aos protestos sinceros de nossa estima e gratidão.

—D. F. Clotilde, distincta poetisa e talentosa escriptora cearense, que algumas vezes tem emprestado a esta Revista lustro e realce com as scintillações de sua penna adamantina.

---Dr. Beni Carvalho, Director-Gerente da «Panoplia», que, com suas luzes e profunda competencia intellectual, tem honrado e abrilhantado as columnas da Revista.

---Desembargador F. A. de Oliveira Praxedes, Drs. Arthur Eduardo de Oliveira, José Joaquim de Almeida, Francisco R. Salgado; Commendador José Correia do Amaral; D. D. Iphygenia Amaral, Maria A. Amaral, Francisca de Hollanda Ferreira, Marcionilia Alves de Lima e Maria José Farias; Coroneis João R. Salgado, Arcadio Fortuna, Alfredo Gurgel e Arthur Adacto Pereira de Mello; Srs. Heraclito de Souza Leão, Alfredo Salgado, Henrique Ellery, Misach Franco, Alberto Costa Souza, Gilberto Rôla, Francisco Ribeiro Leitão, João Victoriano Pereira, Adolpho Abreu, Luiz Mosca Italiano, Sergio Augusto de Miranda, Anthero de Oliveira Rôla, Joaquim José de Oliveira Netto, Arthur Victoriano Pereira, Manoel Alves Feitosa, Francisco Lucas de Oliveira, Antonio da Silveira Machado, Manoel de Oliveira Rôla, Ottoni Correia de Sã, Adolpho do Carmo Ferreira Chaves, Francisco de Oliveira Barros e João Victoriano Pereira---nesta capital.

---Manoel Rosario de Oliveira, José Aprigio Nogueira Junior---Maranguape.

---Coronel Francisco de Mattos Brito---Guaramiranga.

---D. Sinhásinha Gurgel---Agua Verde.

---Coronel Alfredo Dutra, Capitão Alfredo Dutra Filho e Dr. José Cabral de Alencar---Baturité.

---M. Bernardo do Nascimento Filho, chefe da estação telegraphica de Aracaty.

---Cruz Filho, Thomaz Barbosa e D. Julia Nogueira---Canindé.

---F. Menescal Carneiro, Secretario do Gabinete Camocinense de Leitura, Arthur Trajano Barbosa e Victor N. S. Cavalcante---Camocim.

AMAZONAS—José Chevalier, Director da Bibliotheca Publica de Manãos.

PARA'—Professor Joaquim de Almeida Genú, Director da Escola «Aurora», infatigavel propagandista da Revista,

8

SANTA CATHARINA—Prof. Fr. Schaden, propagandista da lingua internacional «Ido»—em Alto Capivary.

RIO G. DO SUL—Professor Alberto F. Rodrigues que, no longinquo Estado exerce com bastante solicitude a propaganda do nosso mensario—Pelotas.

MINAS GERAES—Professor Luiz Pessanha, lente da Escola Normal, Secretario do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, em Bello Horizonte, a quem somos captivo de muitas gentilezas pela solicitude em dilatar a acção do nosso mensario no vasto circulo dos seus conhecimentos. A elle deveremos a maior somma de gratidão, pela delicadeza e affabilidade de seu trato cordialissimo e o quanto se ha desvelado pela generalização da nossa Revista naquelle importante e futuroso meio intellecto-social.

—Professor F. Amédée Péret, respeitavel membro do magisterio brasileiro em Bello Horizonte, onde diffunde a luz benefica do saber. O acolhimento que dá á nossa Revista e a amizade que nos dispensa em constantes missivas dão-nos uma idéa nitidissima de um coração talhado para a pratica do bem.

—Professor Antonio Navarro—Bello Horizonte. E' um dos mais competentes e diligentes pedagogistas daquelle Estado, de cuja autoria transcreveu a Revista o excellent e valiosissimo trabalho «Questões de Ensino», que foi de summa importancia e aproveitamento para todos os do Instituto, que, por isso mesmo, o estimam e consideram.

—Professor Lindolpho Gomes, da Academia Mineira de Letras, socio effectivo do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, director da «Revista de Ensino Mineiro»—Juiz de Fóra.

—José Pierre Carneiro Junior, antigo alumno do Instituto de Humanidades, actualmente em Ouro Preto, onde cursa a Escola de Minas. Sua carta que, com summa satisfação, adiante damos á estampa, bem prova o cultivo e adiantamento desse futuroso joven.

GOYAZ—Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, que nos distingue com sua correspondencia, em que promette honrar-nos com a remessa de trabalhos da sua lavra. A maneira cordialissima e delicada com que elle se manifesta na missiva que nos enviou, captou a nossa sincera estima e alta consideração.

TERRITORIO DO ACRE—Coronel José Soares Pereira, importante capitalista em Xapury.

—José Julio Nogueira, professor em Villa Seabra, Tarauacá.

# MEMORANDUM

Ad Ex.<sup>ma</sup> Sr. Epiphânio da Fonseca Doria  
Laudação cordial.

So' agora me é dado responder, ás prissa,  
sem presado favor de 36 de Junho pp.

Por este mesmo officio segun os vob. da Re-  
ta Escolar de 1911 e 1912. Incommodos de saide  
tim. em privado de corresponder-me mais min  
damente com o distrito Quijo.

Comparando a lista que me enviou, envio  
tambem pela mesma mala um exemplar



URUGUAY—Dr. D. Abel J. Perez, Inspector Nacional de Instrucción Primaria, de Montevideo.

PARAGUAY—Professor Marcelino M. Martinez, Director da Escuela Graduada Doble, de Ajos.

ESTADOS UNIDOS—Professor Cyridião Buarque, notavel educador brasileiro, residente em New York, onde fundou o *Brazilian Bureau of American Education* e o *Brazilian Guardian Institution*, importantissimos estabelecimentos destinados a facilitar aos jovens brasileiros todos os meios educativos, dos quaes é o nosso director o seu representante neste Estado. Muito nos honra e desvanece a correspondencia que mantemos com o notavel pedagogista, autor da «A Educação Nova», um dos mais bem feitos trabalhos apresentados ao *Congresso brasileiro de Educação e Ensino*, reunido em Bello Horizonte.

—Richard H. Mardock, alumno de St. Ann's Academy, em New-York.

HESPAÑHA—Isaac Guadan, director da «Educación Popular» e cathedratico del Instituto de Logroño, que acaba de distinguir-nos com o seu endereço para inicio de nossa correspondencia.

#### EM ADDITAMENTO

Não foram esquecidos os nomes dos distinctos collaboradores que têm prestado o concurso brilhante de suas lições e dado valor e realce a nossa Revista, que são os seguintes:

*J. Marques d'Ictong*, pseudonymo adoptado por um illustre professor cearense, que tem publicado nesta Revista seus «Calculos arithmeticos», por que muito se recommenda.

—*Livio Bellart*, pseudonymo de um distincto professor, que muito se torna lido e apreciado pelos seus trabalhos «Phrases literarias».

—*Germano Garatuja*, pseudonymo de um insigne e operoso publicista das «Vinhetas».

—*Dr. da Roça* é um outro pseudonymo sob que se occulta notavel e profundo observador dos phenomenos do nosso idioma, em seus trabalhos de natureza philologica.

—*Julio Bezerra*, idem de um competentissimo e esforçado collaborador, que bastante se distingue pelas suas notas historicas.

No character de auxiliares da Revista, damos ainda aqui os nomes dos intelligentes e infatigaveis alumnos: João Ribeiro e Arcelino de Mattos Brito—revisores; e Antonio de Mattos Brito—archivista, os quaes se desempenham, com summo gosto e dedicação, das attribuições que lhes incumbem.

## IMPrensa EM FESTA

Subordinada a esta secção, ha já algum tempo vimos publicando, precisamente na data anniversaria da criação desta Revista, a lista dos jornaes brasileiros e tambem estrangeiros que celebram o anniversario de sua existencia, os quaes se correspondem comnosco, honrando-nos assiduamente com suas visitas. Hoje, portanto, cabe-nos a satisfação de fazel-o novamente, por ser este o dia em que a «Revista Escolar» ajusta o primeiro decennio de sua tão ardua existencia. Com todos os seus collegas, a Revista congratula-se jubilosamente, agradecendo-lhes a fidalga gentileza com que a distinguem.

### Janeiro

- 1—Revista Commercial, de Fortaleza—Ceará, 1908.
- O Arauto, de Pelotas—R. G. do Sul, 1888.
- 5—Muquyense, de S. João de Muquy—E. Santo, 1913.
- 8—O Labaro, de Campinas—S. Paulo, 1910.
- 17—Commercio de Mossoró, de Mossoró—Rio Grande do Norte, 1914.
- 31—O Laço, de Pau d'Alho—Pernambuco, 1913.

### Fevereiro

- 1—Comarca, de Codó—Maranhão, 1902.
- 2—O Popular, de Alagôinhas—Bahia, 1896.
- A Semana, de Penêdo—Alagôas, 1908.
- 10—Correio de Therezina—Therezina, Piauhy, 1913.
- 15—O Reporter, S. João d'El-Rey—Minas-Geraes, 1905.

### Março

- 5—A Penna, de Caeteté—Bahia, 1897.
- 8—Boletim Commercial do Rio de Janeiro, 1909.
- ?)—Sciencias e Letras, do Rio de Janeiro, 1912.

### Abril

- 11—A Razão, de Estancia—Sergipe, 1893.
- 12—O Nortista, de Sobral, deste Estado, 1912.
- 28—A Nuvem, de Alagôinhas—Bahia, 1911.

## Maio

- 5—O Conservador, de Nazareth—Bahia, 1912.  
 10—Folha do Povo, do Rio de Janeiro, 1906.  
 12—O Correio de Alagoinhas, de Alagoinhas—Bahia, 1905.  
 13—A Cidade de S. Paulo, de São Paulo, 1905.  
 —Cidade de São João, de S. João da Boa Vista—São Paulo, 1891.  
 —O Hervalense, de Herval—Minas Geraes, 1912.  
 17—Revista da Semana, do Rio de Janeiro, 1901.  
 27—O Combate, Santo Amaro—Bahia, 1913.  
 30—O Popular, de Santo Amaro—Bahia, 1868.

## Junho

- 1—Copacabana, do Rio de Janeiro, 1907.  
 2—A Ordem, de Cachoeira—Bahia, 1870.  
 12—O Mossoróense, de Mossoró—Rio G. do Norte, 1902.  
 14—O Mensageiro, de Campinas—São Paulo, 1909.  
 15—Alto Acre, de Xapury—Alto Acre, 1913.  
 —A Evolução, da Villa de Jacutinga—Minas-Geraes, 1903.  
 —Revista do Ensino Mineiro, de Juiz de Fóra—Minas Geraes, 1912.  
 28—Cidade de Maragogipe, de Maragogipe—Bahia, 1911.

## Julho

- 1—A Reacção, de Itatiba—São Paulo, 1909.  
 3—Monitor Sul Mineiro, da cidade de Campanha—Minas-Geraes, 1873.  
 10—Revista do Instituto do Ceará, de Fortaleza, 1886.  
 ?)—Liga Maritima Brasileira, do Rio de Janeiro, 1907.  
 ?)—A Evolução Agrícola, de S. Paulo, 1909.

## Agosto

- 4—Correio da Semana, de Itabayanna—Parahyba, 1912.  
 5—A Cidade, de São José dos Campos—São Paulo, 1900.  
 15—O Clarim, de Mattão—São Paulo, 1905.  
 —A Republica, de Penêdo—Alagôas, 1910.  
 17—O Correio do Sul, de Jaguary, Minas Geraes, 1911.  
 18—O Canhoto, de S. Luiz—Maranhão, 1912.  
 19—A Tarde, de Victoria—Espírito Santo, 1912.

## Setembro

- 7—Gazeta de Noticias, de São Salvador—Bahia, 1910.  
 10—A Gazeta, de Therezina—Piauy, 1904.

- 15—União, de Caruarú—Pernambuco, 1912.  
17—O Trabalho, de São Gonçalo dos Campos—Bahia, 1906.

### Outubro

- 1—Jornal de Caxias, Caxias—Maranhão, 1895.  
15—O Propulsor, de S. Felix—Bahia, 1896.  
—Buletin Official du Bureau des Renseignements du Brésil, á Paris—França, 1912.  
18—O Feitozense, de Feitoza—Pernambuco, 1913.  
19—Escudo Social, de S. Felipe—Bahia, 1901.  
26—A Sineta, de São Amaro—Bahia, 1908.  
28—A Estrella, de Aracaty—deste Estado, 1906.  
31—Gazeta de Picos, de Picos—Maranhão, 1903.  
—O Jaguaribe, de Jaguaribe—Bahia, 1909.

### Novembro

- 1—O Postal, de Jequiriçá—Bahia, 1911.  
8—O Proscenio, de Feitoza—Pernambuco, 1908.  
12—O Norte, de Barra do Corda—Maranhão, 1888.  
15—Gazeta de Pesqueira, de Pesqueira—Pernambuco, 1902  
—O Paladio, de S. Antonio do Jesús—Bahia, 1900.  
—Cidade do Pará, de Pará—Minas Geraes, 1903.  
—O Commercio, da Cidade dos Patos—Minas Geraes, 1910.  
19—O Promotor, de Cruz Alta—Rio G. do Sul, 1912.

### Dezembro

- 8—A Cidade, de Assú—Rio G. do Norte, 1901.  
25—Revista de la Universidad, de Tegucigalpa—Honduras (Am. Central), 1908.

## Revista Escolar

Desde sua fundação até o ultimo numero da REVISTA ESCOLAR (Maio), é de 2570 o numero de paginas comprehendidas em 11 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> volumes constantes de 114 numeros.

No computo acima feito ha 166 paginas annexas.

# IMPRENSA

PUBLICAÇÕES EM PERMUTA

Consignamos aqui, cheios de justo e indizível contentamento, os nomes dos jornaes e revistas de quasi toda imprensa do Brasil e alguns do estrangeiro, precisando a procedencia de cada um delles, com os quaes a «Revista Escolar» mantém constante permuta. Aproveitamos, portanto, a oportunidade para endereçar, a todos, os protestos da nossa mais sincera estima e respeitosa gratidão.

## Ceará

FORTALEZA—Norte Medico, Revista Commercial, Phenix, Correio Ecclesiastico, A Panoplia e O Trabalho.

ARACATY—A Estrella

BARBALHA—Cetama.

CRATO—O Crato.

IPÚ—Gazeta do Sertão.

CAMOCIM—Chrysanthemo.

SOBRAL—Nortista, Patria, O Rebate, A Mão Negra, Cinema-Club, Gremio e A Lucta.

BATURITÉ—A Alvorada.

## Amazonas

MANÁOS—Revista Archivo da Universidade de Manáos.

## Pará

BELÉM—O Estimulo, Boletim Paraense de Homeopathia, O Bì-noculo, O Cearense, Jornal das Creanças e Alma e Coração.

S. ANTONIO DO PRATA—Correio do Prata.

CASTANHAL—Norte do Brasil.

MARACACUÉRA—Aurora.

ITAITUBA—Tapajonia.

## Maranhão

S. LUIZ—O Martello, Revista Typographica, O Canhoto, Excel-sior e Labor.

CAXIAS—Jornal de Caxias.

BARRA DO CORDA—O Norte.

PICOS—Gazeta de Picos e Correio de Picos.

CODÓ—Comarca.

BREJO—Anapurú.  
CAROLINA—O Tocantins.  
BACURY—Picos—A Luz.

### Piauí

THEREZINA—Correio de Therezina, Via-Lucís, Cidade Luz, Gazeta, O Norte, Estudante e O Lepido.  
AMARANTE—Esperança e A Penna.

### Rio Grande do Norte

MOSSORÓ—Commercio de Mossoró e O Mossoroense.  
CEARÁ-MIRIM—A Lavoura e O Ideal.

### Parahyba

PARAHYBA—Pío X.  
ITABAYANNA—Correio da Semana e Gazeta da Manhã.  
AREIA—O Centro.

### Pernambuco

RECIFE—Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife.  
A Lanceta, O Proscenio, A Palavra, A Verdade.  
O Commercio, Patria e O Planeta.

PESQUEIRA—Gazeta de Pesqueira.

TIMBAÚBA—A Serra e O Gremio.

GARANHUNS—A Ribalta.

VICTORIA—O Labor.

FEITOZA—O Feitozense e o Proscenio.

CARUARÚ—A União.

CANHOTINHO—A Ordem.

PAU D'ALHO—O Laço.

### Alagoas

MACEIÓ—Revista Commercial.

PENEDO—A Republica, A Semana e Correio de S. Francisco,  
PÃO DE ASSUCAR—A Idéa.

### Sergipe

ESTANCIA—A Razão.

### Bahia

S. SALVADOR—A Escola, Os Annaes, Gazeta de Noticias e A  
Paladina do Lar.

SANTO AMARO—O Popular, A Sineta, O Combate, A Thezoura  
e A Paz.

S. FELIX—O Propulsor e Bemtivi.

SANTO ANTONIO DE JESUS—O Palladio.

CAETETÉ—A Penna.

S. GONÇALO DOS CAMPOS—O Trabalho.  
 ALAGÔINHAS—O Popular, Correio de Alagôinhas e A Nuvem.  
 MARAGOGIPE—Cidade de Maragogipe.  
 S. FELIPPE—Escudo Social.  
 JAGUARIFE—O Jaguaripe.  
 NAZARETH—O Conservador e O Regenerador.  
 ARATUHYE—Aratuhype e O Condor.  
 CACHOEIRA—Pequeno Jornal.  
 CONQUISTA—Revista Sertaneja.  
 AMARGOSA—O Ideal.  
 CASTRO ALVES—A Liberdade e A Semana.  
 JEQUIRICA'—O Postal e O Sentinella.  
 S. RITA DO RIO PRETO—O Rio Preto.

### Espirito Santo

VICTORIA—A Tarde.  
 VILLA VIANNA—O Trabalho.  
 S. JOÃO DO MUQUY—O Muquyense.

### Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO—Revista da Semana, Revista Social, Liga Marítima Brasileira, Revista de Sciencias e Letras, Revista Carioca, Revista Mar e Terra, Brazila Esperantista, Boletim da Sociedade de S. Vicente de Paulo, Folha do Povo, Revista Catholica, A União, Leituras Catholicas, Copacabana, A Luz, O Jornal Baptista, O Mensageiro da Fortuna e A Resposta.  
 NICTHEROY—Leituras Catholicas e Reformador.  
 VALENÇA—Aurora.  
 CAMPOS—O Escudeiro Baptista.

### São Paulo

S. PAULO—Revista Santa Cruz, Evolução Agricola, O Estandarte, Iris, Recreio Literario, A Cidade de S. Paulo, O Astro, Propagandista das 3 Ave-Marias, O Sul Americano, O Carlista, Liberdade, Revista de Ensino, A Capital, Diario Popular, A Primavera, A Gazeta e A Nação.  
 S. JOSÉ DOS CAMPOS—A Cidade.  
 S. JOÃO DA BOA VISTA—Cidade de S. João e O Município.  
 TAUBATÉ—O Labaro.  
 CAMPINAS—O Mensageiro e Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes.  
 S. ROQUE—Cidade de S. Roque.  
 ITAITIBA—A Reacção.  
 LORENA—O Gremio, O Norte Paulista.

PARAHYBUNA—O Parahybuna.  
 MATTÃO—O Clarim.  
 PIRACICABA—O Express.  
 BOTUCATÚ—Correio de Botucatú.

### Paraná

CORITIBA—Fanaf.

### Santa Catharina

FLORIANOPOLIS—A Epoque.  
 ALTO DO CAPIVARY—Bazilo-Idô.

### Rio G. do Sul

PORTO ALEGRE—Eternidade.  
 PELOTAS—Arauto e O Annuncio.

### Minas Geraes

JUIZ DE FÓRA—Revista do Ensino Mineiro.  
 CAMPANHA—Monitor Sul Mineiro.  
 VILLA JACUTINGA—A Evolução.  
 RIO PRETO—Cidade do Rio Preto.  
 HERVAL—O Hervalense.  
 S. JOÃO D'EL-REY—O Reporter.  
 VARGINHA—O Progresso.  
 JAGUARY—Correio do Sul.  
 MURIAHÉ—Actualidade.  
 PARA'—Cidade do Pará.  
 DIAMANTINA—A Estrella Polar.  
 CIDADE DE PATOS—Commercio  
 CIDADE TRES PONTAS—Estrella Mineira.  
 SANTA ANNA DE FERROS—Cidade de Ferros.

### Goyaz

GOYAZ—Estado de Goyaz, Goyaz e O Lidador.

### T. do Acre

XAPURY—Alto-Acre e O Paladino.  
 TARAUCÁ—O Estado.  
 PORTO ACRE—Porto Acre.



## Extrangeiro

### Europa

#### PORTUGAL

PORTO—O Vegetariano.  
LISBOA—Almanach Bertrand.

#### HESPAÑA

LOGROÑO—Educación Popular.

#### FRANÇA

PARIS—Bulletin Officiel du Bureau des Renseignements du Brésil  
à Paris.  
Revue Internationale.

#### ITALIA

TURIM—Boletim Salesiano.

### America do Norte

#### MEXICO

XALAPA—El Reproductor Jalapeno.

### America Central

#### S. SALVADOR

S. SALVADOR—El Salvador Pedagogico.

#### HONDURAS

TEGUCIGALPA—Revista de la Universidad.

### America do Sul

#### VENEZUELA

CARACAS—Revista Universitaria.  
Revista de Instrucción Publica.  
Gaceta Juridica.

PAMPAN: TRUJILLO—Idilios.

#### EQUADOR

QUITO—Revista de Educación Popular.

#### BOLIVIA

LA PAZ—La Educación Moderna.

#### CHILE

SANTIAGO—Revista de Educación Fisica.  
CONCEPCIÓN—La Enseñanza.

#### URUGUAY

MONTEVIDÉO—Anales de Instrucción Primaria.

#### REPUBLICA ARGENTINA

BUENOS AYRES—Boletim Mensal del Museo Social Argentino.  
Revista Psiquis.  
Revista de Educación.

## Instituições, gremios, etc.

Abrimos espaço, como fizemos o anno passado pelo mesmo motivo que hoje experimentamos, á publicação de quantas associações, gremios, etc., que, com máxima gentileza e interesse, têm encarecido a redacção da nossa Revista e accusado o recebimento da mesma impondo-se assim á nossa cordial amizade e indispensavel gratidão, sendo para notar a fria indifferença que revela a quasi maioria das sociedades existentes que se capital, para as quaes fallecem, por assim dizer, nesses que lhes justifiquem. Agradecemos sinceramente a todas as instituições que connosco se correspondem, cuja nomenclatura damos a seguir:

### CEARÁ

- Bibliotheca Publica.
- Academia Cearense.
- Instituto do Ceará.
- Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo.
- Centro Medico Cearense.
- Faculdade de Direito.
- Lycceu do Ceará.
- Centro Artistico Cearense.
- Centro Typographico Cearense.
- Club dos Diarios.
- Instituto «Miguel Borges».
- Museu Rocha.
- Associação Commercial.
- Sociedade Artistica Beneficente.
- Seminario do Ceará.
- Circulo Catholico.
- Phenix Caixeiral.
- Gremio Litterario «Araripe Junior».
- Instituto Historico e Geographico do Ceará.
- Gabinete Camocinense de Leitura, de Camocim.
- Collegio Santa Clotilde, de Aracaty.
- Casa de S. Francisco, de Canindé.
- União Artistica Iguatuense, de Iguatú.
- Escola de Aprendizizes Artifices do Ceará.
- Gremio Recreativo Sobralense, de Sobral.

AMAZONAS

Universidade de Manaus.  
Bibliotheca Publica do Amazonas, de Manaus.

PARA'

Escola «Aurora».

MARANHÃO

Collegio de S. Francisco de Paula, de S. Luiz.  
Gabinete Carolinense, de Carolina.

PIAUHY

Escola Normal.  
Collegio 21 de Abril, de Therezina.  
Theatro Infantil, Amarante.

RIO GRANDE DO NORTE

Grupo Modelo «Augusto Severo», de Natal.  
Instituto H. e Geographico do R. Grande do Norte—Natal.  
Escola Normal—Natal.  
Phenix Caixeiral Assuense, de Assu.  
Centro Bibliographico Assuense, de Assu.  
Sociedade «Phenix Caixeiral», de Assu.  
Gremio Literario «3 de Maio», de Apody.

PARAHYBA

Arcadia Pio X.  
Lyceu Parahybano.

PERNAMBUCO

Faculdade de Direito do Recife.  
Bibliotheca da Faculdade de Direito do Recife.  
Bibliotheca Escolar do Municipio do Recife.  
Escola Literaria «Ribeiro da Silva», do Recife.  
Instituto Gymnasial Pernambucano, do Recife.  
Escola Normal «Pinto Junior», do Recife.

Club «Serradores da Epocha», de Timbaúba.  
Gremio Literario «Joaquim Nabuco», de Timbaúba.

## ALAGOAS

Instituto Archeologico e Geographico de Alagoas, de Maceió.  
Instituto Commercial, de Maceió.  
Gremio Literario Parahybano, da villa da Parahyba.

## SERGIPE

Bibliotheca Publica, do Estado de Sergipe.  
Instituto Historico e Geographico de Sergipe.

## BAHIA

Sociedade «Nova Cruzada», de S. Salvador.  
Gremio Literario da Bahia, de S. Salvador.  
Gymnasio N. S. da Victoria, de S. Salvador.  
Sociedade «União Operaria Beneficente», de Caeteté.

## ESPIRITO SANTO

Grupo Escolar «Gomes Cardim», de Victoria.

## RIO DE JANEIRO

Collegio St. Charles (Franco Brasileiro), de Nictheroy.  
União Catholica Brasileira, do Rio de Janeiro.  
Livraria F. Alves, do Rio de Janeiro.  
Internato do Collegio Pedro II, do Rio de Janeiro.  
Collegio Diocesano S. José, do Rio de Janeiro.  
Bibliotheca Nacional, do Rio de Janeiro.  
Museu Commercial, do Rio de Janeiro.  
Sociedade de S. Vicente de Paulo, do Rio de Janeiro.  
Liga Social Catholica Brasileira, do Rio de Janeiro.  
Collegio Salesiano, de Nictheroy.

## SÃO PAULO

Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas.  
Directoria Geral da Instrucção Publica, de S. Paulo.  
Associação Beneficente do Professorado Publico, de S. Paulo.  
Instituto de Sciencias e Letras, de S. Paulo.  
Gymnasio Official, de S. Paulo.

Escola Normal, de S. Paulo.  
Collegio de S. Joaquim, Lorena.

## PARANÁ

Instituto Plaisant, de Paranaguá.  
Instituto Commercial, de Paranaguá.

## MINAS GERAES

Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes.  
Academia Mineira de Letras.  
Escola Normal, de Bello Horizonte.  
Collegio D. Viçoso, de Bello Horizonte.  
Bibliotheca Abre-Campense, de Abre-Campo.  
Bibliotheca «Augusto de Lima», de Jequery.  
Gymnasio «Santa Cruz», de Juiz de Fôra.

## GOYAZ

Sociedade de Leituras, Corumbá.

## TERRITORIO DO ACRE

Museu e Bibliotheca da Loja Acre, Xapury.

## **Extrangeiro**

Dirección General de Escuelas, Provincia de B. Ayres (La Plata) Rep. Argentina.

Société Académique d'Histoire Internationale, de Paris, França.

Bureau de Renseignements du Brésil à Paris, França.

Museo Social Argentino, de Buenos Ayres.

Inspectoria Nacional de Instrucción Primaria em Montevideo, Uruguay.

Sociedade Vegetariana de Portugal, Porto.

Universidad, de Tegucigalpa, Honduras.

Brasilian Bureau of American Education, New York City N. Y. U. S. A.

Brasilian Guardian Institution, New York City N. Y. U. S. A.

Academia de la Historia, Madrid, Hespanha.

Escuela Graduada Doble, Ajos, Paraguay.

## FLORES DA REVISTA

Com esta epigrapha, que bem exprime a nossa idéa, publica hoje a «Revista Escolar» valiosos e importantissimos trabalhos dos seus mais notaveis e distinctos collaboradores, bem como os honrosos e lisongeiros encomios que, a seu respeito, expenderam dignos e preclaros cavalheiros—trabalhos e encomios estes que figuram soberbas e mimosas flores, com as quaes ella se ufana e apraz de ataviar-se, nesta data em que completa o decimo anniversario de sua fundação. Eil-os:

### Sem pretensões a elogios

Sinto verdadeiro entusiasmo, sinto-me bem todas as vezes que tenho de falar ou escrever sobre o Instituto de Humanidades.

Vejo ali, naquella officina de trabalho honrado a feição característica de uma instituição utilissima.

O seu director tem a noção a mais completa e nítida do que seja a pedagogia moderna—instrue deleitando, formando o character e formando o coração.

Com um largo tirocinio do magisterio, ensinando e aprendendo dia a dia, o Snr. Joaquim da Costa Nogueira acabou formando um methodo de educar creanças, todo elle seu.

Assenta semelhante methodo em uma base solida, porque o distincto pedagogista comprehendeu perfeitamente bem que o papel da escola, nos tempos hodiernos, não é somente ensinar as primeiras letras, não é somente cultivar o espirito, vai adiante, tem outros fins salutaes tambem—cultivar o character e cultivar o coração.

Pelo character adquire a creança a energia pessoal, a independencia, a noção do dever, a comprehensão

perfeita do papel a representar entre os seus semelhantes.

Pelo coração surge a bondade, o altruismo, a obediência, o amor ao próximo.

O espirito, o caracter e o coração formam a sublime trilogia em que se fundamenta hoje em dia a educação da mocidade.

São tam racionaes, tam praticos e persuasivos os meios de que se serve o competente educador para incutir no espirito da creança as primeiras noções de humanidades, que ella por força aprende alguma cousa.

A «Revista Escolar» é o espelho a reflectir o modo de aprender naquelle Instituto.

E' um mimoso trabalho publicado mensalmente, onde se encontram interessantissimos assumptos, todos elles referentes á educação da juventude.

Commemora ella no dia de hoje o 10º anniversario de sua publicação. Está em festa e deve cobrir-se de galas ao recordar o seu passado tam cheio de utilidades, deve enthusiasmar-se com os seus intuitos que foram sempre os mais nobilitantes.

Eu conheço bem a sua vida intensa, sei que serviços ha prestado aos que frequentam os bancos do Instituto, para exalçar-a com a maior admiração.

Folheiem-na com paciencia e verão a largueza do seu expediente, a sua correspondencia *intra* e *extramuros* da urbs, a permuta que faz, as assignaturas que tem dentro e fóra do Estado.

Folheiem-na e verão si o que affirmo é ou não uma verdade.

Só aqui no Estado ella não logrou um numero avultado de assignaturas ou de leitores, e a razão é simples. E' que no Ceará presta-se pouca attenção ás cousas uteis, ao que possa trazer interesse a isto que se chama instrucção.

Aqui tudo passa despercebido; nada tem valor. Os homens de grande operosidade, os homens de merecimento real, estes, ficam sem homenagens.

Não ha louvores nem commemorações para os que trabalham, para os que se esforçam, para os que vivem

morrendo dia e noite neste ardente afan de prestar serviços á sociedade e á terra natal.

Aqui tudo se iguala; é uma confusão atordoadôra, é um nivelamento geral.

Ao lado do homem de valor intrinseco, que estuda, que medita e vive aprendendo sempre, ahi estão bem junctos os fôfos encyclopedistas, os myopes de intelligencia, os nullos de saber, os quadrupedantes emeritos.

O Ceará participa da crise que vem assoberbando o paiz inteiro, contra a qual verberou já o genial Ruy Barbosa, mostrando-lhe os descabros, as negruras, o culto que se presta ás incompetencias as mais firmadas, o analphabetismo desolador.

No Ceará poucos são os que lêem, poucos são os que querem aprender.

Eis ahi a razão por que a Revista vai vivendo uma vida de difficuldades, vencendo barreira a cada passo, empregando energias supremas para não cair e morrer.

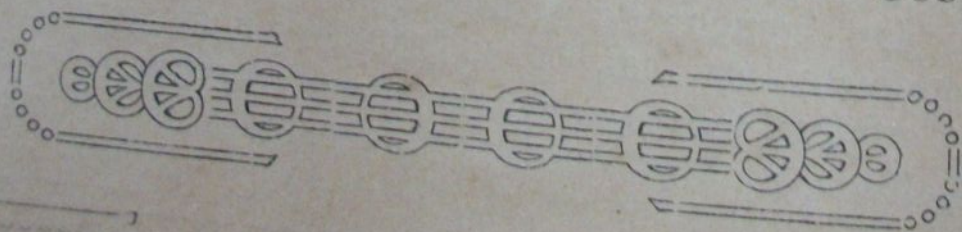
Felizmente, á frente della, como seu director espirital, ahi está um homem forte, um homem que sabe querer.

Com as suas energias masculas, com o seu espirito bem orientado sempre, vai singrando os mares da indiferença patricia, recebendo, porém, os applausos e sinceras adhesões de quasi todos os institutos escolares do Brasil.

Sou um entusiasta da «Revista Escolar», como sou tambem um admirador do Snr. Joaquim da Costa Nogueira, em quem vejo um homem com grande capacidade para o trabalho e uma intelligencia preparada para os labores a que se entregou desde a mocidade.

A' «Revista Escolar», ao Sr. Joaquim da Costa Nogueira o aperto de mão de um fervoroso amigo.

ANTONIO THEODORICO DA COSTA.





## A manipulação da luz

L'education est la  
paraphrase de l'hu-  
manité.

L'intelligence est  
une production.

E. Pelletan.

Joaquim Nogueira é um mytho. O dono do amulêto mysterioso, que guarda os encantos, as fascinações, os sortilegios da magia branca.

O mago brasileiro é tambem um sabio didacta. O gaioleiro de encantada gaiola, toda enjanellada, toda escancarada, em cujos seis lados está riscado o emblema—*senite parvulos venire ad me.* (S. Matheus, 19, 14).

Para ella, com carinhos paternaes, attráe revoadas e revoadas de avesitas implumes e cegas. Com a sua varinha de condão o feiticeiro do a b c toca-lhes as azitas e os olhos e como por milagre—crescem as azas, desvenda-se a visão e a passarada garrula e pipilante agita-se em afagos ineffaveis, em uma festa indescrictivel.

De materia amorpha molda o artista com seu bisturi maravilhoso os cidadãos prestigiosos, os civilizadores do berço querido.

Depois, mais tarde, surge a «Revista Escolar» — espelho reflector das modalidades, dos movimentos dos passarinhos e que hoje finca o decimo e prodigioso marco de sua caminhada atravez dos silvêdos da vida.

E a creançada desenvolvendo-se. Rapazes fazem-se homens e aguias de rija envergadura, tomam o vôo e largam-se por este mundo a fóra a empregar toda a sua actividade nas letras, nas industrias, no commercio, na agricultura, alguns até timoneiros da patria amada, derramando todos thesouro de talento, de cultura e de caricias do coração á sombra do nome do Paepae espiritual—Joaquim Nogueira.

PEDRO DE QUEIROZ.

## O fim do Estado

Nos actuaes estudos de psychologia juridica chegou-se ao resultado de uma concepção do direito opposta ás concepções proprias dos estagios anteriores da evolução mental, no seu eterno afan de reproduzir ou, melhor, de estereotypar, á luz de methodo positivo, os phenomenos da natureza.

Para o espirito moderno o direito—resultado da synthese do naturalismo com o idealismo—é um producto da consciencia da egualdade fundamental que deve existir entre os membros da collectividade, como uma consequencia da igual relatividade que existe entre as intelligencias. Não é a vida mais longa, mais ampla e mais completa da lucta pela existencia, mas a vida mais ampla, que seja compativel com as outras existencias, característica da evolução social. E' a substituição das leis naturaes pelas leis idéaes. E' o equilibrio das forças pelas idéas. E' a egualdade das desigualdades.

A egualdade absoluta é tão impossivel como um circulo perfeito ou uma linha perfeitamente recta. A fusão dos interesses é uma chimera. O mais que se pode conseguir é a harmonia dos interesses, o equilibrio relativo das actividades, não em virtude unicamente da evolução historica ou biologica, mas tambem da evolução sociologica; não em virtude do simples jogo dos egoismos, mas em virtude da integração psychologica operada pela synthese da philosophia com a sciencia, do idealismo com o realismo, da idéa com o facto. O mesmo idealismo domina os demais phenomenos sociaes. Uma constituição politica moderna não deve ser feita somente para a realidade, deve ser feita tambem para o ideal. Dependere exclusivamente dos acontecimentos sem poder reagir contra elles ou, ao menos, modifical-os, é um ponto de vista scientifico inferior que não alcança tão longe quanto o pensamento humano possa attingir.

A evolução é necessaria. Devemos respeitar as suas leis. Devemos acceitar os factos como elles se nos apresentam. Tudo nos leva para uma epocha de liberdade e de egualdade que realisará o accordo das ten-

dencias egoistas com as tendencias altruistas. Mas, estaremos certo de que o fim será realmente attingido, sejam quaes forem as causas perturbadoras? Já teremos attingido á perfeita integração social correlativa a uma perfeita integração psychologica, ao accôrdo das actividades consequente ao accôrdo das intelligencias? Não será necessario anticiparmo-nos sobre os factos, prevenirmos os acontecimentos? Por outro lado, não será o encadeiamento da evolução politica tambem um effeito, em parte, da evolução intellectual, do ascendente crescente do espirito sobre a materia, do ideal sobre a realidade?

Como quer que seja, a acção do homem sobre os phenomenos physicos, biologicos e sociologicos é uma realidade, seja qual fôr o gráu de sua efficacia. Quasi instinctivamente o homem, pelos erros do passado, vae regulando o seu futuro.

O futuro! E' sobre o futuro que nós sentimos o nosso poder crescente. As gerações passadas trabalharam para nós; é justo que luctemos em prol das gerações futuras. E' necessario que revivamos nas suas instituições e nas suas leis.

Uma constituição politica deve ser feita, como dissemos, para a realidade e para o ideal. Deve ser uma roupagem adaptada ao pleno desenvolvimento dos organismos sociaes. Suas dobras devem conter o futuro. De outra maneira não se comprehenderia a evolução.

Quanto differe a constituição do passado da constituição do presente e esta deve differir da constituição do futuro! Tanto quanto differe o character da lucta, a physionomia do progresso.

No passado dominava a lei absoluta da força, dominava a lucta pela existencia; no presente, a lucta pela existencia, em virtude do influxo das idéas moraes e juridicas, assume um character benigno. O homem comprehendeu que a vida não é, por ventura, a ultima palavra do universo; que existe alguma cousa superior que não conhecemos; que a desigualdade actual deve ser constantemente dominada pela idéa de egualdade; que ao principio da força deve alliar-se o principio do direito, que não é somente uma concepção

pura das forças attractivas e repulsivas que substituem, quando possível, o conflicto pelo compromisso, vindo, no caso contrario, a força maior, certa de que, no fim, será sempre o direito.

A essa concepção retrograda, limitada pela consciencia da relatividade fundamental das intelligencias e das actividades, substituiu a concepção da vontade do universal, da egualdade das liberdades, do relativismo que deve haver entre a autoridade e a liberdade, entre a constituição e a revolução, entre as instituições rígidas e despoticas e as reformas uteis ou necessarias, entre o *étatisme* e o individualismo, quando entre um e outro se interpõe a autoridade da justiça.

A concepção de Spencer, aliás incompletamente verdadeira,—que o fim do Estado, tanto no regimen militar como no industrial, deve ser assegurar as condições que permittam o mais pleno desenvolvimento vital das unidades sociaes, deve ser substituida por esta, mais consentanea com o character actual do Estado que, deixando de intervir, directamente, no movimento economico da sociedade, entregue ao livre jogo das actividades,—limita-se á protecção do fraco contra o forte, do bom contra o mau, da ordem contra e anarchia, se bem que indirectamente, passe da estatica á dinamica, promovendo o progresso social. O fim do Estado deve ser assegurar as condições necessarias á mais plena realisação do direito.

Assegurar a vida é proprio do regimen militar, dessa phase do progresso em que a lucta pela existencia assumiu um character de guerra intestina e de profunda desigualdade, de lucta pavorosa, de exterminio dos fracos pelos fortes, de exploração dos servos pelo senhor, de submissão do direito pela força, da liberdade pelo despotismo. Assegurar a liberdade, a egualdade e fraternidade é proprio da actual civilisação em que a lucta pela vida assume um aspecto de emulação, de auxilio mutuo e protecção, em que a justiça junta-se á generosidade, em que os governos, em vez de intervirem, como no passado e a titulo de promoverem o progresso social, na economia, nos costumes, nas crenças intimas e até no vestuario dos individuos, limitam-se á protecção

da actividade productora e ao desenvolvimento da personalidade humana.

E' principalmente pela diffusão da instrucção que se consegue esse grande *desideratum*—desenvolver a vida consciente que caracteriza o superorganismo social, distinguindo-o do mundo physico e do mundo biologico, das sociedades animaes e do conjuncto inorganico.

Em virtude da actividade consciente e do accordo contractual que Rousseau collocou no berço das sociedades, quando, ao contrario, vem a ser o termo da sua evolução, opera-se a divisão successiva do organismo homogeneo em organismos especiaes, resultando uma perfeição de estrutura e consequentemente de funcções, que facilita a mais completa adaptação ao meio ambiente e á melhora da vida geral.

Nessa divisão do trabalho social hierarchizam-se as funcções; e o Estado, circumscrevendo-se á sua funcção reguladora que, por sua vez, obedece, em tudo, ás injuncções do direito, esforça-se pela instrucção e disciplina das unidades sociaes, de modo que o concurso organico resulte, não só da adaptação phisiologica e psychica ás condições externas, mas tambem do consentimento dessas unidades,

Encarando-se as consequencias pedagogicas dessa theoria teleológica do Estado, comprehende-se a necessidade de uma reforma do ensino calcada sobre a classificação hierarchica dos phenomenos, segundo a sua generalidade decrescente e a sua complexidade crescente, differentemente do actual ensino publico, onde reina a maior balburdia.

Se o progresso consiste na correspondencia crescente das combinações sociaes internas com o desenvolvimento inorganico e organico externos, o primeiro passo da instrucção no desbravamento de todos os empecilhos naturaes e mentaes que entravam a evolução da vida consciente, deve ser o estudo das influencias inorganicas e organicas, classificando-as na sua ordem de generalidade e de fatalidade decrescente, como fez De Greef:

- I. Influencia astronomica : Meteorologia e climas.
- II. Influencia geometrica e arithmetica : Extensão, espaço e numero.
- III. Influencia da configuração geographica e physica.
- IV. Influencia physica e chimica do solo e do subsolo : Geologia e Mineralogia.
- V. Influencia da superficie inorganica : Orologia e Hydrographia.
- VI. Influencia da superficie organica : Botanica, Zoologia e Biologia.
- VII. Influencia da psychologia.

Quanto ás combinações sociaes internas, o ensino deve comprehender o estudo methodico dos phenomenos economicos, artisticos, intellectuaes, moraes, juridicos e politicos, de sua interdependencia e de como a politica social determina em que serie de phenomenos os órgãos dirigentes da sociedade devem intervir para agir sobre o superorganismo social e melhora-lo.

Terminando estas considerações escriptas *à vo. d'oiseau* para o anniversario da «Revista Escolar», lembro os seguintes conceitos De Greef, para os quaes chamo a attenção dos competentes :

«L'enseignement primaire, l'enseignement moyen, l'enseignement supérieur doivent, chacun, parcourir le cycle entier des connaissances humaines, mais à chacun de ses degrés dans la mesure de la capacité intellectuelle des élèves. Il ne faut pas qu'un jeune homme quitte les bancs, soit de l'école primaire, soit de l'école moyenne et de l'athénée, soit de l'université, sans posséder des notions générales de toutes les sciences: mathematiques, astronomie, physique, chimie, physiologie, psychologie e sociologie.»

Entre nós existe uma verdadeira má vontade contra esta ultima sciencia que é, justamente, o terreno onde se opera a synthese do naturalismo com o idealismo, da philosophia com a sciencia, a integração psychologica tão anciosamente desejada pelos grandes pensadores da actualidade.

F. ALVES LIMA (\*)

(\*) Brillhante e primoroso sociologo cearense, professor da Faculdade de Direito, ultimamente destituído de sua cadeira pelo governo da Intervenção neste Estado. A' sua proverbial modestia allia o eminente homem de letras um caracter inquebrantavel e raros predicados que lhe dão vivo destaque no grande circulo dos seus admiradores e amigos.

## O natal da REVISTA

O espirito de selecção, os sentimentos, as tendencias individuaes e collectivas, os proprios phenomenos ethico-psychicos—cadinham-se, aprimoram-se, na lucta que travamos em pról do nosso bem estar ou do bem estar social.

Se a lucta physica enrija, desenvolve, torna agil a musculatura, identicamente, a lucta moral, a lucta intellectual, corrige, educa e perfectibiliza todas as organizações, até as desenvolvidas mui tardiamente.

Sem esse intermino combater, sem esse afan pela conquista do vellocino ou da Felicidade—a criação da mythologia que sempre ha de afagar-nos—, a vida humana perderia o encanto e a poesia que nos excita o desejo de mathusalemnizar-nos.

O anhelos de lutar vai cessando, vai minorando, á proporção que se approxima o declinar da vitalidade ou se a inercia e a modorra vão fazendo pousada em nosso *eu*.

A lucta é o oxigenio da vida, é a solidificação da energia, é o crizol de todos os predicados. A intelligencia e a estupidez confundir-se-iam, a erudição e a fofice scientifica seriam postas no mesmo plano, a rijeza de character e a fragilidade moral equipolentar-se-iam—se nu'a liça titanica e persistente não fossem seleccionadas.

Nas funcções organicas observa-se a lucta dos elementos sãoos com os factores pathogenicos.

A medicina e a hygiene são sciencias de combate. Os agentes prophylaticos vivem incessantemente a destroçar os agentes morbificos.

A lucta é magna parte na vida animal e na vida social.

Para VON IHERING, a lucta pela existencia é a lei suprema de toda a criação animada; manifesta-se em toda creatura sob a fórmula de instincto da conservação.

\* \* \*

O galgar, desajudado e confiante no proprio esforço, u'a alterosa e escarpada montanha e attingir o pinaculo—provoca, muito justamente, a ufania, o fremi-pino de entusiasmo, em quem tanto se alteara. Essa situação moral, essa hora de vaidade—fruem os meus jovens amiguinhos da *Revista*, ao verem passar a primeira decada da fundação do utilissimo periodico, e, mais do que elles, o pedagogo incomparavel, que é Joaquim Nogueira.

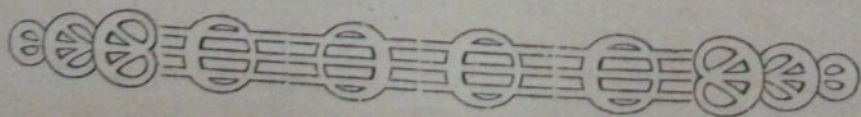
Para, ininterruptamente, manter, dez annos a fio, um mensario da molduragem da *Revista Escolar*, num meio em que as justas do pensamento são relegadas por inuteis e por *inimigas dos phenomenos economicos*, é necessario blindar-se de ferrea resolução, votar muito interesse ao problema educativo, tudo isso, porém, ao serviço de um temperamento de luctador destemeroso e indomavel.

As desillusões e os esforços mal comprehendidos, ao envês de desarvorarem o Nogueira, parece que o encorajam para novos prelios, que auguram novas victorias.

Existir é luctar, viver é vencer—são palavras de FELIX LE DANTEC—na *Lucta universal*. Aos ouvidos do Nogueira e da pleiade de esperançosas intelligencias que o coadjuva—soou animadoramente a phrase do professor da Sarbonne e, conscientes de real existencia, porque a pugna os não atemorizou, os não exauriu, assistem, mestre e discipulos, com impavidez e garbosidade, o *14 de Julho*—o decimo anniversario do inicio da *Revista* nas lides da imprensa, não da imprensa mercenaria e villã, da imprensa sectaria, da imprensa politiqueira, mas do periodismo doutrinario e util á familia, á patria e á humanidade.

Itapipóca.

ANTONIO DRUMMOND.





## A escola moderna

(Para o anniversario da REVISTA)

A escola moderna deve educar e desenvolver, simultaneamente, o fisico, o moral e as faculdades intellectivas dos alunos.

Um menino fraco, raquitico, sem forças nem estimulo fisicos, não pôde ser um intellectual forte. E nunca o será!

O estudo já de si é uma cousa esgotante (quando se quer aprender...) e que precisa encontrar fortes meios de resistencia organica da parte dos collegiaes.

Causa-nos pesar o dizer que aqui no Brasil, principalmente nos Estados do Norte, o raquitismo, a anemia, nos estão amesquinhando a raça; as crianças de hoje já nascem avelhentadas, valetudinarias, quase precisando já de um bordão para poderem arastar o fardo da vida, sem conhecerem desta, ainda, a verdadeira sêiva...

E porque definhâmos? A razão primordial desse deperecimento organico, ou uma das causas principaes dêle, pensâmos, é a inação corporea em que vivêmos, a falta de exercicios fisicos, sobrecarregando os órgãos intellectuaes de muito trabalho e causando, assim, exaustão a um organismo, já de si muitas vezes depauperado e fraco...

«Mercê dos exercicios physicos é que a Suecia, cuja raça definhava e se estiolava, conseguiu, apesar do clima rigoroso, crear typos de verdadeira belleza, robustos, de avantajada estatura, de porte altivo e energico.»

O Instituto Central e Real de Gymnastica de Stockolmo é uma verdadeira Universidade de educação physica, segundo o illustre Dr. Rodrigo Costa.

Lá, na Suecia, não só nos «Gymnasios», como nas Escolas Modernas», o ensino da ginastica é obrigatorio.

E' verdade que os nossos exercicios fisicos,—a nossa ginastica—devem ser de acôrdo com o clima nacional...

E' tambem verdade que só apreciâmos o que nos vem das «outras terras», achando feio e insipido tudo o que é indigena...

Mas, como cada pais tem o seu sistema de ginastica (haja vista a Suecia, a Dinamarca, etc.), é racional que o nosso tambem o tenha,—mui principalmente o nosso, cujo clima difere em muito do dos países Europeus...

O estado fisiologico das crianças deve ser atendido com a maxima atençaõ, para que se possa verificar o conceito da conhecida maxima: *Mens sana in corpore sano*.

Nesse particular não convêm nunca que o corpo e o espi-

rito andem divorciados, ou por outra, que não viva um da sêiva do outro tão somente, de fôrma que no balanço fisiologico haja sempre um bom saldo a favor do fisico, afim de que a «economia» nunca se venha a resentir do desequilibrio das forças vitales...

Para o desenvolvimento do organismo temos, além dos exercicios a pé e de equitação ao ar livre, a ginastica, os jogos esportivos e até... o proprio ensino militar (que, ao nosso vêr, deve principiar logo nos colégios, fazendo parte da educação civica) que é um bom auxiliar para desenvolver o busto e corrigir o porte dos jovens patriotas colegiaes...

Já em 1863 dizia o didata pernambucano, Salvador H. de Albuquerque:

«A escola primaria e o serviço das armas, devem ser postos no mesmo gráo de importancia. E' a reunião destes dous deveres que exprime a base da verdadeira civilização, a qual se compõe de luzes e de força.»

Não falêmos de biciclêtas e quejandas, que isso são «maquinas de fazer corcundas» e que não preenchem o fim geral de movimentos fisiologicos. Os exercicios de equitação são cousa diversa:

«Entre outros exercicios, o andar a cavallo é talvez o mais salutar, diz Smiles.»

«A sella é a séde da saúde » (Desculpem a aliteração da frase).

Não há ginastica mais suave e branda do que a produzida pela equitação: o andar a cavallo nos faz mover, simultanea e uniformemente, a cabeça, o tronco e os membros, proporcionando-nos ao mesmo tempo uma agradável diversão espiritual...

Sabêmos, no entanto, que a equitação é impraticavel nos colégios e só a lembrâmos aqui para dizer que, em igualdade de circunstancias, é mil vezes preferivel ao ciclismo como exercicio fisiologico!

A que deve a raça anglo-saxonica, em parte, o seu desenvolvimento fisico?: á ginastica, aos esportes... Haja vista a Inglaterra, verdadeiro *habitat* do esportismo (pode-se dizer figuradamente), que produz homens grandes e fortes, altivos e emprehendedôres...

«O exercicio é a mola da educação no systema anglo-saxonio. Ora, todos os povos que se querem conservar e engrandecer, precisam adoptar os processos dos saxonios.»

«Os termos de *sport* são inglezes e a Inglaterra é o paiz onde, com mais ardor, se cuida da cultura physica.»

Não precisâmos de «atletismo», mas tambem lhe devemos fugir do lado contrario, isto é, do «raqutismo», que só nos poderá dar homens apaticos, indecisos, timoratos...

E a pusilanimidade de um povo decorre, muitas vezes, desses miseros predicados, característicos de malícia e inaptidão...

A higiene é uma cousa importantíssima para a saúde das crianças; é escusado acrescentar-lhes o acéio, visto que éste faz parte integrante déla e também da civilidade...

O edificio escolar deve ser amplo, bem localizado, recebendo muito ar e muita luz, sobretudo esta, que deve haver em sentido duplo... a farta!

Que o melhor seria o ensino ao «ar livre», como se já está praticando, algures, crêmos...

O mestre, por sua vez, deve não só saber bem a materia, mas, principalmente, sabê-la ensinar!

E' preciso harmonisar a pedagogia com a metodologia, ambas agindo coêsas, uniformes, para que se possa obter o maximo de aproveitamento durante o minimo tempo létivo.

As preleções sobre materias graficas ou oraes devem entrar francamente, de modo insito, pelo ouvido, com uma clarêsa tal que reduza em muito o esforço do alúno, si bem que o preceptor, neste caso, não deixará de espendir muito do seu para conseguir um tal resultado.

Aprender intuitivamente é reduzir a  $\frac{2}{3}$  o caminho andado...

Tratêmos da didática. E' muito difficil escrevêr para crianças: só elas mesmas o fariam bem (si o podessem); precisa muita arte e método para se poder conseguir um livro adaptavel á intelligencia infantil... A propria linguagem nos livros didaticos deve ser escolhida, os termos claros e ao alcance da compreensão dos pequenos legentes.

Não compreendêm os livros infantis sem ilustrações; as crianças, na sua totalidade, gostam de «figuras», o que não admira, pois si até os adultos... Demais, uma só figura, expressiva, diz mais do que cem palavras de texto pouco elucidativas; a figura é a reprodução da imagem das cousas concretas e por isso já está traduzida em todos os idiomas: aquêles que vêm uma ilustração, (pessoas de diversas nacionalidades) entendem logo o que significa, sem precisar de recórrer a dictionarios... E' como a linguagem dos numeros...

E quanto a religião: deve-se ensinar religião nas escolas?

Para responder essa pergunta basta-nos opôr-lhe est'outra: o homem é um ser racional...? Si o é deve ter uma crença (pois que os irracionaes não a têm), porquanto, ênte criado por Deus e a êle sujeito *in aeternum*, não pode deixar de O conhecer e amar nesta vida, sobretudo, ao menos, O conhecer, porque não se compreende que a criatura não conheça o seu criador e nada saiba a respeito dêle!

Tem-se em pequena conta, ou desprêso até, o ensinar-se nas nossas escolas publicas a *Doutrina Cristã*.

Porquê?  
Há mais luz nos pequeninos textos do *Catecismo* do que em todas as constelações do firmamento; sim: porque «passará céu e terra», porém a palavra de Deus perdurará para sempre! Não se apagará jamais...

A Suécia, que é um paiz modelar sobre a instrução publica, coloca em 1.º plano como materia obrigatoria do ensino— a Religião!

E nós, porque sômos um modelo negativo, conquanto gostêmos de copiar outras cousas, a regeitámos!

E tanto respeito e acatamento têm os suêcos pela Religião, em materia de ensino, que «no mez de Dezembro, pelo Natal, ha as ferias de 3 semanas, homenagem ao grande facto historico do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo», conforme ainda palavras textuaes do destinto pedagogista dr. R. Costa, já citado.

E nós? Dâmos ferias pelo... Carnaval!

Já se vê que sômos um povo *mais adiantado*, isto é, mais conforme com as exigencias do seculo!

E' verdade que a Igreja está separada do Estado, mas este o não está de Deus...

Temos um'alma que almêja uma outra vida, que não é, que não pôde ser esta... pois que a sua constante aspiração é Deus!

«Tua alma, oh homem, é de uma grande extensão, e nenhuma cousa pode encher-a nem satisfazel-a, senão Deus.»

«Se em nós poz Elle a sêde inextinguivel duma vida futura, é que essa vida futura nos espera! Se Elle despertou em nossa alma a esperança indefectivel de uma mansão de recompensas, é porque essa mansão existe realmente. Tudo proclama os immortaes destinos da alma! Assim a sciencia em seus ensinoss como a fé em suas sublimes illuminações.»

Si se diz mui judiciosamente que «o homem que não ama sua patria é um monstro,»—o que se não dirá do homem que não ama o seu criador, o seu Senhor, e que nem siquer ao menos o quer conhecer?!

«Elle é o Soberano Senhor de tudo o que existe e o primeiro dever do homem é conhecê-lo, amal-o e servil-o sobre a Terra para o vêr e possuir um dia no Céu!»

Como a maioria dos brasileiros é catolica, segue-se que a religião que deve ser animada no nosso paiz é a «catholica», que tambem é a «universal».

A religião deve ser um dos caratêres de nacionalidade.

«A unidade religiosa é o penhor mais seguro da unidade nacional.»

Deviamos até afixar no alto do portico das nossas escolas a bellissima divisa: DEUS E PATRIA,—em caratêres aureos—a qual resume em si todas as aspirações humanas...

A escola sem Deus é a estrada aberta, dupla, para o «racionalismo» ou para o «socialismo» e daí a dois passos... para o «anarquismo»!

O «racionalismo» é uma doutrina filosofica que assenta em bases falsissimas, pois que tem por principio o proprio erro (ladeado do orgulho e da vaidade), que lhe obumbra, ofusca e empana o brilho da verdade!

E como consequencia êle trás completa aridez da alma, a descrença em tudo, o ceticismo mais cruel e letal e por fim o desespero e o suicidio como epilogo tristissimo da misera existencia de seus miseros sectarios...

Como se sabe, Deus resiste aos soberbos e a êles lhes não revela os tesouros da sua sabedoria; ao passo que aos humildes êle se manifesta e os guia nos seus ensinamentos...

Eis o que se passou com o sabio L. Tolstoi, antes de estudar o Cristianismo:

«Aos cincoenta annos procurei investigar, contribuindo com as minhas idéas e meus sentimentos, o que eu era como ser e que fim cumpria no mundo; para esclarecer estas duvidas appellei para a sciencia de sabios amigos, e não obtive outra resposta senão que: «eu era uma reunião caprichosa, accidental de atomos e que a minha vida não tinha sentido, isto é, fim determinado algum, nem consequencia»—, e esta affirmação desesperou-me até o ponto de acariciar, como uma esperanza remota, a idéa do suicidio.»

E será sempre este o resultado fatal das affirmações da sciencia atéa e ignorante...

O «socialismo», segundo o vemos hoje, é uma arvore enfezada, cujos frutos, que lhe não hão de cair mui longe, são: o anarquismo, a exterminação da sociedade, emfim a demolição de tudo quanto o homem há pacientemente feito até o presente!

Tirando dos ricos para os pobres, êle quer nivelar a sociedade «a ferro e a fogo» como quem nivela para ai qualquer cousa... E não se lembram os seus adeptos de que essa constituição social que nos rege é perfectibilissima, tal qual Deus a fez. Que dessa heterogeneidade de cousas e fatos dispare é que nasce a harmonia do mundo, que foi feito por quem «sabe» e que assim o dispõe e governará até a consumação dos seculos?

Valerão por ventura os seus protestos, dêles, extemporâneos e perversos?

«Pobres sempre os haveis de ter entre vós», disse J. Cristo

no Evangelho: e não será decerto o socialismo anárquico, com toda a sua coôrte de planos tenebrosos, que fará revogar ou ruir essa predição do Divino Mestre...

O Socialismo, como se tem mostrado, não tem ordem, não é progresso e sim: «desordem e regresso»; não demule para reconstruir—destrói; não nos faz enriquecer—nos rouba; não nos dá a vida—nôl-a tira!

Ao Socialismo lhe falta o melhor: um ideal. Postoque elle tenha um progrâma (inexequibilissimo) de princípios maus, meios pessimos e fins inconfessaveis, nunca, com um tal progrâma, êle conseguirá chegar ao fim colimado! E até lá... o punhal e a dinamite irão *convencendo* ás miserandas vitimas de seu odio e furor inconcebiveis...

Como se vê, têmos falado do «Socialismo anárquico», que é o que está em moda.

Mas... nos ímos distanciando algo do nosso escôpo. Voltêmos a êle...

E' uma pratica tambem muito útil familiarizar bem os jovens brasileiros com o pavilhão e o hino nacionaes: um é o manto real que cobre o casto e venerando busto da mãi patria; o outro, é o brado altisonante e festivo que nos faz vibrar, cheios de entusiasmo, uma a uma, todas as fibras do nosso patriotismo!

E sobretudo fazer ás crianças amar e respeitar o «auri-verde pendão de nossa terra», saudal-o sempre com o coração num «avè» carinhoso e predispôl-as a defendêl-o nas terriveis emergencias...

A esse respeito vejâmos o que diz Horacio aos jovens romanos: *Dulce et decorum est pro patria mori*, isto é: «é doce e bello morrer pela patria»!

Quanto ao nosso canto patriotico, o hino nacional, acostuma-las a ouvir-o de pé e descobertas, em attitude respeitosa... porque, quando a patria assim nos fala, não é licito que estejâmos sentados! O hino é o verbo eloquente da soberania nacional...

E esta será uma das melhores lições de civismo...

Para exercitar os jovens alûnos sobre outras materias de civismo temos, entre diversas obras, a «Leitura civica», do illustre Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, onde se encontrarão inumeros fatos da historia patria.

Fazer conhecer aos educandos as datas e fatos e os vultos principaes da nossa historia, explicando-lhes, na vespera dos dias de festa nacional, os motivos déla...

A declamação, a recitação, o canto, tudo isso é muito bom e muito útil, instrutivo, aperfeiçoante... Seria tambem de muita conveniencia haver nas escolas, sobretudo nos colégios, uma tribunazinha para exercicios da palavra oral; e tambem uma «revis-

tinha» que fosse logo adêstrando os alûnos na arte da palavra escrita...

A oratoria e a imprensa seriam desse modo iniciadas na escola, que, praticamente, iria disseminando conhecimentos varios aos jovens aprendizes.

O caráter! Ah, a formação dessa bela virtude civico-moral, bem o sabemos, deve começar no lar, e daí não ter nunca mais solução de continuidade, isto é, deve a aprendizagem acompanhar o colegial ao transpôr este os umbraes da escola primaria até dêixal-a, para se ir consolidar, após, no seio da sociedade!

Temos para elucidar e guiar a formação dessa virtude, muitas obras de alto valor, entre elas: «O Carácter», de S. Smiles, «O Coração», de d'Amicis e a «Arte de formar homens de bem», do nosso illustre compatriota, Dr. Jaguaribe Filho.

Acrescente-se a tudo isso uma farta instrução sobre moral e civilidade e teremos aí o que se pode chamar UMA ESCOLA MO-DELO e a verdadeira arte de «erudir crianças».

Para os ensinamentos sobre civilidade há um livrinho preciso: «Civilidade Christã», do erudito D. Antonio de Macedo Costa.

A vós, jovens alûnos do «Instituto de Humanidades», eu saúdo neste dia de festas escolares, (que é tambem um dia de festa nacional) concitando-vos a que sejáis sempre bons filhos, dicipulos exemplares e ótimos cidadãos, para que a familia, a sociedade e a patria tenham sempre em vós um estrêmo defensor!

Camocim.

JULIO C. MONTEIRO.

## VINHETA

Façamos sempre o bem incondicionalmente, embora hajâ-mos dessa pratica o mal. Não importa! Não há nada tão salutar, tão intimamente agradável como a consciencia de termos cum-prido o nosso dever... E' sempre bem termos alguma coisa lançada no «Haver» do livro da nossa alma.—GERMANO GA-RATUJA.

## PROSIT

Completa, hoje, dez annos a «Revista Escolar»: é bem o caso de muita alegria e muito parabem ao seu esforçado Director, que nella vê compendiado todo o vigor de sua bôa vontade.

Que «em branca nuvem»—como diria o poeta— não passou ella esse decennio, não admira: será, talvez, este seu maior titulo de merecimento, que as cousas valem o que custam—reza a sabedoria das gerações estratificada nos adagios populares—e das difficuldades é que nascem os milagres—escreveu La Bruyère.

Ahi o por quê muita alegria e muito parabem ao esforçado Director da «Revista Escolar»: poderá, como o formoso poeta das odes impeccaveis, dizer tambem o seu *non omnis moriar*, pois, havendo ensinado a sciencia e o bem, não ha de immerecidamente repetir a phrase do moribundo Bayard, sobretudo quando o sacerdocio do magisterio é tão nobre quanto o da paternidade e o da religião.

Fort., 14—7—914.

ALBERTO MONTEZUMA.



## DEZ ANNOS

Regista hoje na liça gloriosa da imprensa, dez annos de vida fecunda e civilizadora, a «Revista Escolar» do Instituto de Humanidades, precioso organ que se edita na formosa e decantada Terra de Alencar.

Para que se dissesse, com precisão e lucidez, dos seus reaes e inilludiveis prestigios á causa da instrucção, seria mister historiar-lhe a faina incessante nessa marcha evolutiva, durante a longa e penosa travessia de um decennio, sem jámais se desviar do escabroso itinerario, traçado ao encetar a sua missão luminosa, nas pugnas augustas do pensamento, naquella rosea e esplendida alvorada de 14 de Julho de 1904, em que surgiu o famoso paladino das letras. Ter-se-ia, com effeito, de enumerar-lhe a valiosa serie de ensinamentos que tem sabido docemente espargir no espirito juvenil, por todas as camadas sociaes e em todas as direcções, com o pabulo salutar de sua leitura amena e instructiva, que illumina e robustece a intelligencia, que conforta e vivifica o coração.

Com esse decurso triumphante de dez annos, sem um deliquio, sequer, a demover a poderosa força de vontade do seu cabeça pensante, através das multiplas vicissitudes da vida, a «Revista Escolar» apresenta o attestado nitido e eloquente do trabalho, do trabalho que engrandece e nobilita. E' ali na sua bella officina, onde se fragôam, por assim dizer, lentamente, quotidianamente, os elementos formadores da inteireza dos costumes e da elevação do character. E' o sublime tirocinio daquelles que, mal ensaiando o passo na humana actividade, sob a judiciosa e sabia orientação do mestre desvelado, descortinam fulgidos horizontes, novos e altos ideaes! Si, na evidencia dos factos, o phenomeno do engrandecimento de um povo se manifesta sobremodo pela cultura do espirito com a dos sentimentos basilares do character, então, a bôa imprensa e a verdadeira escola, devem ser numa plausivel communhão de idéas e esforços, dois grandes

coefficientes da evolução social.

E, observando com sisudez e imparcialidade, dir-se-á, forçosamente, que a «Revista» e o Instituto têm contribuído com quantiosa parcella para a realização desse elevado *desideratum*, encaminhando a mocidade escolar para um risonho futuro, de grandiosas conquistas.

Justas são, portanto, as homenagens que hoje recebe pela passagem de mais um natalieio, o brilhante e festejado periodico.

Assim, congratulando-me com a pleiade graciosa dos jovens do Instituto, envio o meu abraço cordial de saudações ao seu illustre e operoso Director.

E garbosa prosiga a «Revista Escolar» a sua obra edificante, coroada de palmas e laureis!

Bahia.

ANGELO DA SILVA.



## VINHETA

Quem ensina não póde prescindir do castigo: o castigo é um premio negativo de efeitos beneficos, porvindouros; o premio é, em sentido inverso, um castigo para aquelles que o não recebem.

O que se deve evitar são os castigos aviltantes, porque deprimem o character e rebaixam a dignidade pessoal.

GERMANO GARATUJA.

## O Alfabéto

(Ao distinto Professor Joaquim da Costa Nogueira)

Néstas lêtras do «A, B, C,»  
se encerra a essencia da Fé!

E' uma luz,—um lampadário,—  
todo o nóssô *Abecedário*.

Estes lindos caractéres,  
mais do que rês, têm podêres...

e mais brilho, que as estréllas;  
pôis são chammas vivas, béllas,

os vinte e cinco signaes,  
ante os quaes,—nômes ideaes,—

ácham auróra no mystério  
das trévas, e surto aério

p'ra o reino da *Phantasia*  
vôa, a imaginação...—cria

nóvos mundos,—longe, a vista  
estendendo,—éssa amethista

a tarde arroxendo...—o sól!...  
O Alfabéto é um grão pharól!

O *A*,—que traduz—*amôr*,—  
fáz o *B*,—só *bem* suppôr...

Pondo o *C*,—no *coração*,  
Deus disse: «tem *D* o *perdão!*—»

O—*E* escreve *Esperança*,  
*F*,—a Fé, que tudo alcança...

O *G*—glorifica... e,—glória,  
é o *H*—dizer a história,

que ostênta o *I* dos *Immortaes*!  
Tu *J*,—a *Jesus* honrâes!

*K*,—*kiries*,—parte da missa,—  
é oração, também premissa!

Com *L*—o livro se escreve...  
á *Maria*,—a graça déve

o *M*,—que diz: *Mãe*,—*carinho*!—  
Vem *N*—construir o *ninho*,

ônde fecunda o *O*,—o ôvo...—  
E *P*,—pão,—o póbre,—o póvo,—

vêm no *Q*,—querer,—vontade.—  
*R*,—dôce *raiar*, que ha-de

fazêr do *S*—sensação!—  
Pôis, *T*—*thesouro*, é, então,

—o maiór *thesouro*,—a «*Terra*»,—  
como o *U* o universo encerra!

*V*—virtudes, tráz, fagueiro...  
*W*,—*Waterlôo* todo inteiro,

*Xenophonte*, tráz um *X*;  
E *Ypiranga*, o *Y*—diz.

O final da luz é *Z*;  
é de ar e luz o «*A, B, C,!*»

ANTONIO DANTAS BARBOZA (\*).

S. João do Paraguassú—Estado da Bahia—1914.

(\*) Amigo dedicado e sincero do Instituto, o qual, não obstante a grande distancia que o separa da nossa convivencia, não deixou passar no olvido a data anniversaria da fundação da «Revista», enviando-nos, para ser nella publicado, este original e curioso trabalho da sua lavra.

# Instituto Miguel Borges

Encerramento do 13.º anno lectivo

ULTIMO DICTADO A'S CLASSES

Meus amigos.

Não quero que fique este anno em esquecimento o antigo e salutar costume de vos deixar, neste *ultimo dictado*, o meu adeus e alguma lição que mais tarde, vos seja de proveito e, ao mesmo tempo, vos lembre aquelle de quem a houvestes.

Entretanto, somente o adeus aqui vos deixo; que lições e lições tremendas vos ficaram destes mezes decorridos, exactamente o nosso tempo lectivo.

Seja vossa memoria o grande bronze onde se grave de modo imperecível, a historia destes tempos de morticinio e de fogo; que, se souberdes lê-la, profundos ensinamentos vos dará.

E aprendendo de tal modo, bem compensado tereis quanto haveis perdido pela falta de uma applicação impossivel em tempos como estes em que, de toda parte, o espirito se vê solicitado, não podendo deter-se em coisa alguma.

Tivemos um máo anno lectivo; mas um anno riquissimo de ensinamentos que só imperfeitamente os livros dão.

Testemunhas das luctas e desordens que entravam nosso progresso, guardae comvosco a lembrança de tudo o que tendes visto; e quando a razão madura vos permittir julgá-lo, fazei-o com a rectidão que deve ter a justiça, com a independencia que deve ter a historia.

E desse juiso imparcial e recto havereis a norma de vosso proceder.

Collocae acima do vosso o interesse do paiz; e acima deste e de tudo, a causa da justiça.

Não ha violencia que não seja causa de outra vio-

lencia; não ha desmando que não dê origem a um desmando maior.

Elevae-vos, se puderdes fazê-lo; seja entretanto vossa escada o vosso proprio esforço, o vosso proprio merecimento; do contrario magoareis aquelle a quem tomardes por degráo, e ai de vós se elle quizer tambem subir, calcando-vos por sua vez!

Ficarmos o que somos, porém, já é bastante, quando não podermos subir sem os riscos de uma queda; e pensae bem que seriam as quedas muito mais raras se cada um se mantivesse onde se encontra.

Mas não direi mais.

A palavra nada vale onde existem factos; e a lição dos factos pede meditação.

Meditae e sêde sabios, sêde justos e sêde bons.

Não vos direi sêde felizes; que não é isto possivel se não se tem base naquillo.

Ceará, 13—Novembro—1912.

Od. Castello Branco

(Director do Instituto «Miguel Borges»)



## VINHETAS

O «egoísmo» é o rei que avassala o homem; que domina a humanidade inteira: o «egò» está acima de tudo... E quil-o estar acima até do proprio Deus e porisso Lúcifer, ser «de luz», ficou sendo «de treva» e como tal precipitado no abysmo...

A escola sem Deus é a deschristianização da mocidade que, como tal será, de futuro, a sentinella avançada do atheismo decrepito!

GERMANO GARATUJA.

## Hymno do Instituto de Humanidades

Poesia original de Alvaro Bomilcar

(Transcripto da edição da «Revista Escolar», de 1908)

Não de Gloria, entunai vossas vélas,  
 Ante os almos clarões do Porvir...  
 —Neste Templo de flôres tão bellas,  
 Eia, pois, um degráo a subir.  
 Ha mais luz nestas aras singelas  
 Do que em astros nos céos a luzir!

### ESTRIBILHO

Vamos, hoje, encetar Nova Era  
 Para os manes honrar dos avós,  
 A vontade, os escolhos supéra...  
*Sursum corda*—eis um grito de heróes!  
 Aspirar não é sonho ou chimera:  
 Póde a Pátria escutar nossa vóz.

Si a Vontade e o Esforço, á porfia,  
 Podem, magos, domar e vencer,  
 Viajoras, na treva erradia,  
 Nossas almas a luz querem ver...  
 —Possam mestres, mentores, um dia  
 Nos mostrar os degrãos do Saber!

Vamos, hoje, encetar Nova Era, etc.

Não de Gloria, entunai vossas vélas...  
 Somos nautas reaes do Porvir!  
 Neste Templo de naves singelas,  
 Novo altar á Instrucção vae-se abrir.  
 Nossos sonhos têm côres mais bellas  
 Do que os astros nos céos a luzir!

Vamos, hoje, encetar Nova Era, etc.

Nossas lidas são flôres... O arguto  
 Que o segredo das flôres buscar,  
 Pondo as rosas na luz... um minuto  
 Ha de ver—é bastante sonhar—  
 Os triumphos reaes do Instituto.  
 E os laureis da «Revista Escolar»!

Vamos, hoje, encetar Nova Era, etc.

## Mosaico Cearense

### Uma corrigenda compromettedora...

O J. de S. era o estudante do Lyceu, em meu tempo, que mais sabia grammatica na aula de lingua nacional.

Sabia-a de cór e salteado, trazendo-a na *ponta da lingua*, como se diz vulgarmente, mas... era simples *papagaio*, tudo producto da extraordinaria memoria de que dispunha.

O nosso lente, que era então o major (hoje cel.) J. Brigido disse estava acapacitado, tirando a prova mui facilmente, pelo que se esforçava para que o J. de S. comprehendesse as regras grammaticaes, tão bem decoradas que elle trazia.

Em uma *sabbatina* (nesse tempo era cousa indispensavel) em que o J. de S. tinha brilhado dando diversos quinâus, eis sinão quando confirmou o conceito em que era tido de simplesmente—bom decorador...

Havia definido com acerto o que era attributo, quando o nosso lente disse:—Bem! Diga-me agora qual é a palavra que serve de attributo nesta phrase:—Deus é justo.—

—E' Deus! Foi a resposta prompta e immediata do J. de S.

—Pelo amor de Deus! Seu J. de S., não diga isso, que...

Não tinha concluido a phrase quando o J. de S. em altas vozes diz:

—Então é este *é!*...

—Ora! Snr. J. de S., não se peja de dizer semelhante cousa o Snr. *que é estudante desde o anno passado?*!

O J. de S. levanta-se precipitadamente do banco, dá um salto para a frente e fitando o nosso lente diz bem alto:

—Desde o anno passado? Não! O Snr. está muito



mal enganado, *eu sou estudante desde o anno ARRETRAZADO!*

Todos nós da aula soltámos uma gostosa gargalhada; o nosso lente disse para o J. de S.:

— Não sei o que se deve mais admirar no Snr., si a ignorancia, si a grande ingenuidade; e desceu do pulpito terminando a aula, pois se havia exgottado a hora.

## Um professor

O respeitavel Snr. Barão do Aquiraz, de grata recordação, chefe de mui grande prestigio de um dos grupos do Partido Conservador da nossa Provincia, era um homem mui prestimoso, bonachão e de uma franqueza extraordinaria.

Presava em extremo a verdade, e era de uma lealdade extrema.

Sabia fazer amigos, cujos corações conquistava facilmente por sua dedicação para com elles.

Tinha, por isso, verdadeira ascendencia sobre todos elles, o que por vezes se verificou em occasiões difficeis.

Em meu modesto escripto *Pantheon Cearense*, occupar-me-ei detalhadamente de sua personalidade.

Por ora uma simples amostra.

Apresentou-se elle no Palacio do Governo, solicitando um emprego para um amigo.

O Presidente da Provincia, de mui boa vontade comprometteu-se a satisfazel-o, desde logo. Um embaraço mui grande se oppunha na occasião aos desejos de ambos—*não havia vaga* de emprego nas diversas repartições.

Para resolver a difficuldade, o Presidente disse: —Aposentemos o porteiro, que tem muitos annos de serviços; está velho e quer descansar.

—Mas, o lugar de porteiro não serve, atalhou o Barão; o nosso protegido *mal sabe* ler e escreve pessimamente.

—Então, aposentemos o continuo da Repartição; está nas mesmas condições.

—Continuo? Não! Não quero para um amigo empregos que o obriguem á toques de campas... Quero cousa melhor.

Foram lembrados alguns outros cargos, que o Barão regeitava, ora por serem superiores aos conhecimentos de seu protegido, ora porque eram inferiores ás qualidades pessoaes deste.

O Presidente já perplexo, disse, simplesmente, fitando o Barão:

—E então?!

—Ora! ora! Snr. Presidente, ha um meio de sanar tudo.

—Qual?

—Nomeie-o Professor, Snr. Presidente; nomeie-o Professor de uma povoação perto da Capital.

—Professor! Exclamou o Presidente. Como nomeal-o Professor, si V. Ex. assegura-me que o nosso protegido *mal sabe ler e escreve pessimamente...*

—E' por isso mesmo, Snr. Presidente, é por isso mesmo, elle aprenderá com os meninos.—Foi a resposta do Barão.

Não sei si foi feita a nomeação, mas o facto é verdadeiro.

J. BAPTISTA PERDIGÃO DE OLIVEIRA

(Da Sociedade de Geographia e Historia do Ceará).

## VINHETAS

«A quem mais perdôa mais se ama», são palavras do Evangelho. E muito amor nos merece, pois, quem muito nos perdôa... Quanto é bellissimo o perdão!

Tambem a quem mais ama muito lhe será perdoado. A' Magdala muito lhe foi perdoado porque muito amou a Jesus. Quão sublime é o amor!

GERMANO GARATUJA.

# Meu Optimismo!

*Aos alumnos do Instituto*

Sempre fui e continuo a ser um optimista. Tenho dentro em mim uma confiança illimitada no futuro do meu paiz! Possuo no coração um lastro enorme de esperanças vivaces, na sorte que aguarda a minha Patria, este ninho de portentosos genios, esta terra abençoada que se ufana de tantas glorias!

Hão de passar estes dias de atribulação, estas horas de angustia nacional, estes momentos de vergonha para todos os brasileiros.

Tantas humilhações que presentemente soffre a nação, tanta falta de patriotismo, que os homens de responsabilidade publica manifestam nos seus actos, tantos desmandos na ordem economica, tanta negligencia dos poderes administrativos, representam apenas um eclipse da nossa grandeza, uma solução de continuidade no encadeiamento admiravel das nossas conquistas e triumphos.

Tudo ha-de passar, confiadamente o espero.

E tal confiança tem por ventura um fundamento sério, assenta sobre a solidez de uma base segura, cohesa e firme?

Sim. Um paiz que possui nas entranhas do seu solo tantas riquezas inexploradas, na extensão da sua superficie tantas terras cultivaveis, tão grandes e magestosas florestas, tantos sertões apropriados á criação, tão extensos rios navegaveis, littoral tão vasto,—é um paiz que se destina a um subido posto no amplo scenario universal dos povos.

Quando aos homens da actualidade faltar a noção precisa dos seus deveres, quando se lhes apagar a scintilla do amor patrio dentro do peito, basta-lhes, compulsando a historia do nosso passado, procurar no exemplo da geração que se foi, estímulo para o bem, destimidez para a luta, emulação para a gloria.

Sobram lições de heroismo nos fastos do paiz e a cada passo se vê o assomo de magnificas qualidades, de honradez e de brio, no estudo da nossa vida politica.

A crise é fatal, é periclitante, enche de receios e de sustos a alma nacional.

Sou, porém, optimista. O Brasil triumphará! Ao governo do interesse, do egoismo e da anarchia succederá o regimen da harmonia, da liberdade e da ordem.

Depois do predomínio da incompetencia, virá a orientação intelligente e sábia da justiça. Após o systema da desfaçatez, um dia surgirá o regimen do character. Esperemos o futuro!

Após os negrumes da noute é que despontam os rubores da aurora!

Tratemos de encaminhar a mocidade esperançosa e altiva pela senda larga e nobilitante da circumspecção e do progresso.

Enrijem-se os nossos musculos e em cada officina, dando combate á inercia, dignifique-se o trabalho.

Aclarem-se as nossas intelligencias e em cada escola, espancando-se as trevas da ignorancia, nobilite-se a instrucção.

Tomemos a sério a reabilitação do nosso passado, a reconquista dos nossos fóros de «grande povo», a reconstrucção do nosso nome, para que o Brasil revele ao mundo, com os fulgores do talento dos seus filhos, o tino e a capacidade dos seus administradores.

Já bastante pagámos pezado tributo á inexperiencia e á bisbilhotice, á incapacidade e ao egoismo.

E' tempo do paiz empenhar toda a energia pela victoria da causa sagrada da sua liberdade.

Olhemos o futuro que nos espera.

E seja o idéal de cada brasileiro vêr a sua Patria, coberta de glorias e de bençãos, exercer a perda supremacia em todo o continente Americano do Sul.

ANDRADE FURTADO.

## VINHETAS

Vingar-se é uma villania; os brutos animaes tambem se vingam.

Que grande cousa, então, ser o homem nivelado a simples alimárias!

A vingança dizem que é «o nectar dos deuses»: póde sê-lo dos «deuses», sim, mas não de Deus, que é o deus da complacencia, do perdão e da misericordia!

GERMANO GARATUJA.

## Em nossa pasta

Sob este titulo, que significa ainda uma prova de nossa intima satisfação para todos os que nos têm dirigido suas gentilezas, damos publicidade e sciencia do que consta em nossa pasta:

### Missivas honrosas

Bahia, 26 de Junho de 1914.

Exmo. Am<sup>o</sup> e Caro Professor Joaquim Nogueira.

Saudações cordiaes e mil escusas pela minha involuntaria demora em responder as suas cartas que tanto aprecio, como aprecio o seu esforço ingente para manter e fazer prosperar o estabelecimento de ensino que é um modelo.

Muito sinto as perturbações porque tem passado o seu Ceará, que eu tanto admiro e amo como uma das melhores parcellas do nosso Brasil. A sua terra sempre me inspirou muita sympathia. Estudei-a com carinho; conhecia-lhe as cousas com tanta minudencia, por sempre ter cá convivido com os cearenses, que os recém-vindos não raro me perguntavam se tambem eu era cearense, ao ouvir-me falar das cousas de sua terra. E' assim que desde a minha mocidade me interessei pela boa terra de José de Alencar, de Pompêo, de Sampaio, de Tiburcio e tantos outros luminares nas letras e nas armas.

As divisões profundas, que ora o opprimem com as suas deleterias e inevitaveis consequencias, não podem deixar de impressionar a nós outros que de longe temos acompanhado o desenrolar dos successos. Nenhum flagello mais cruel pode cair sobre um povo do que esse da guerra civil; porque as suas perdas são por via de regra irreparaveis, e o odio de irmão contra irmão é o mais fundo de todos os odios.

Caiu uma situação de fundo militar e surgiu outra. Trará ella o bem que tanto ambiciona o bom cearense, culto e patriota? Queira Deus que assim seja; mas para isso é indispensavel que aquelle a quem couber a função ardua do governo comprehenda bem o seu papel e o momento em que o vae desempenhar. Elle deve ser uma *amnistia viva*, agindo como uma reparação e fomentando a concordia por toda a parte, por amor da sua terra, por uma comprehensão muito superior do dever civico, que o momento requer.

Não sei se é isto o que se passa agora na Fortaleza; mas desejo muito que assim seja. São os meus votos os mais sinceros.

Tenho recebido a «Revista Escolar». Agora mesmo recebo o n. 114, ou o 5.º do 11.º volume; muito bom, como sempre.

Adeus; mande-me sempre as suas ordens e creia na sincera afeição que lhe dedica este seu

Amo. e admirador  
THEODORO SAMPAIO.

«Bello Horizonte, 5—5—914.

Querido Am.º Prof. Nogueira.

Como correm os dias e vôm os annos, que lá se vão perdidos na bruma longinqua da infinita saudade!

No labutar insano da vida, que se escôa como a areia na ampulheta symbolica, ás vezes a gente pára um instante para saudar nervosamente um amigo, que tambem lá se vae a voar pelo espaço; mas a saudação rapidíssima ainda mais augmenta a afflicção da saudade...

Deus, tem piedade de nós! De teu coração luminoso e omnipotente lança para nós, cheios de trevas e fracos e miseraveis, lança um raio ao menos de tua vivificante luz e uma vibração ao menos de tua eterna e nunca medida força! Faze, no longinquo Ceará, faze com que aquelle grande amigo dos moços tenha a força para caminhar rodeado dos seus queridos alumnos na ascensão para a suprema luz! Concede, mais, que eu venha muitos annos ainda saudal-o; e que um dia no teu infinito Azul, as nossas almas se reunam—viajoras da mesma estrada, companheiras da mesma lucta...

—Eis o que eu comecei a escrever-te, meu querido Nogueira; alguém, entretanto, veio interromper-me, dizendo-me: «Papae, é hora da aula...»

E não pude continuar o meu sonho... Adeus!

*Amédée Péret.*

«Ao illustre collega, Professor Joaquim da Costa Nogueira, com quem tanto sympathiza e cujo talento e serviços em prol do Ensino Nacional, tanto admira

LINDOLPHO GOMES

Da Academia Mineira de Letras  
Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico de Minas,  
Director da «Revista do Ensino Mineiro»,

cordialmente visita.

Rua Floriano Peixotb, 33 C

Juiz de Fôra

«Rio Negro (Paraná), 28 de Fevereiro de 1914.

Illmo. Sr. Joaquim da Costa Nogueira.

Ceará—Fortaleza.

Cordiaes saudações.

Graças á gentileza do representante, em Paranguá, da sua excellente «Revista Escolar», foi-me dado conhecê-la.

Eu desejaria que V. S. tomasse-me o nome como assignante da mesma e me enviasse, se possivel, os numeros já editados este anno.

Acompanhando, de ha muito, o movimento pedagogico no Brasil, não foi sem justo desvanecimento que constatei o nobre surto que elle vem de conquistar, atravez da Revista que V. S. com superioridade dirige.

Aguardando as suas ordens, sou com consideração e apreço

Amo. cro. obrgmo.

Professor *Victor Freire*.

«Ajos—Paraguay, abril 15 de 1914.

«Señor Director de la «Revista Escolar» do Instituto de Humanidades—Fortaleza (Brasil).

«Habiendo tenido la feliz ocasión de leer un número de la *Revista Escolar do Instituto de Humanidades*, que se publica en esa ciudad, bajo su digna Dirección, me permito rogar á Vd., señor Director, quiera incluir á la Escuela Graduada de Ajos en el número de sus suscritores. Los materiales interesantissimos que se publican en su Revista, señalan para la misma un lugar preferente en las «Bibliotecas Escolares», i es en éste concepto que ésta Dirección la solicita de Vd. i le agradece de antemano su envío.

Rogándole indicar a ésta Dirección la forma en que debe efectuar-se el pago de la suscripción, ruego a Vd. quiera considerarme como un S. Sr.

Marcelino M. Martinez

*Director*».

Accusando o recebimento de nossa Revista, dirigiu-nos o exmo. Sr. Epiphanio da Fonseca Doria, dedicado director da Bibliotheca Publica do Estado de Sergipe, attenciosa missiva que em seguida estampamos:

«Tenho em mãos seu estimado *memorandum*. E'

cousa bem rara nos annaes da imprensa brasileira encontrar-se espirito fidalgamente generoso como o de V. Exa. Em geral tenho encontrado na imprensa muita esquivança, senão grande economia. Com a illustrada Redacção da *Revista Escolar* não aconteceu assim. O seu illustrado e distincto director soube com uma gentileza rara acudir ao meu appello, abrindo em favor da Bibliotheca as suas mãos nimiamente generosas.

Cumpro, por isso, o grato dever de vir apresentar-vos protestos de subido reconhecimento; e o fazendo, espero ver em breve a Bibliotheca do meu Estado honrada com a posse de uma collecção completa da utilissima *Revista Escolar*.

Do Exm. Sr. Dr. Benicio Cicero de Carvalho, nosso digno assignante em Parahyba, em gentilissimas expressões, desfazendo um engano de nossa parte:

«Deixo de devolver tambem os numeros de Janeiro e Fevereiro, da *Revista Escolar*, duplicadamente recebidos tambem, porque a feição de prejuizo material que isto acarreta pode ser compensado pela restricta propaganda que significa a oferta que farei dos mesmos a algum amigo interessado pelas cousas do ensino.

Abraço cordialmente V. S.<sup>a</sup> pelo motivo do empenho pela causa da instrucção, que se traduz da mensal publicação dessa Revista».

Do distincto professor Alberto F. Rodrigues, nosso amavel correspondente em Pelotas, Rio Grande do Sul, o seguinte postal:

«Mil felicitações pelos ultimos numeros da Revista, cuja constante remessa, de novo, agradeço penhoradissimo.

Creia que bem avalio os esforços do illustre patriocio em prol da instrucção da mocidade. V. S. é um benemerito. Enviei-lhe ha pouco um trabalho do Dr. Esmeraldino Bandeira».

CARO MESTRE.

Saúdo-o.

Recebi com indizivel prazer, com grande e sincero contentamento, a sua mui apreciada «*Revista Escolar*». Comtudo, convem que se diga, toda essa alegria não foi unicamente motivada pelo attractivo e agradavel da sua leitura—se bem que essa tenha sido a causa



da sua leitura—se bem que essa tenha sido a causa primordial, e injustiça fôra querer transparecer o contrario—mas tambem a certeza, que tive, de que o distincto Mestre ainda se não esqueceu do seu humilde alumno, mas respeitoso e reconhecido, muito embora a distancia que d'elle o separa seja de centenas e centenas de leguas.

E' escusado e até ocioso affirmar que a «Revista Escolar» é excellente e a mais de um titulo instructiva, educadora, pois já o constatarem homens de reconhecida competencia e innegavel merito.

Basta que se diga que ella é anciosamente desejada até nos sombrios e soturnos carcerees. Recordo-me nitidamente e não creio que me engano no que vou contar e que deverá servir de prova para o que venho de affirmar.

O Mestre chegava para dar aulas, talvez de calculos mentaes ou de civismo, os seus dois estudos predilectos, não estou bem certo. Faltavam ainda dez minutos para a hora; por conseguinte, sem que houvesse nisso prejuizo, poderiamos conversar um pouco.

E assim foi: aproveitando esse pequeno espaço de tempo, o Mestre nos mostrou, commovido, uma carta que lhe havia dirigido então um prisioneiro. Pedia este com palavras tristes, cheias de magua, como de um infeliz que eram, que não deixasse de enviar a Revista, a almejada Revista—como até então fizera tão desinteressadamente, tão caridosamente,—pois era o unico sol que illuminava o seu negro carcere, o unico calor que animava a sua alma resfriada pelo gelo da desgraça, o unico bem que o fazia esquecer por alguns momentos a sua immensa desventura, a sua infinda e torturante magua, emfim o unico conforto para os amargos momentos de tédio.

Ao terminar a leitura estavamos igualmente commovidos e tristes.

E' que o Mestre, caridoso e bom, se não tinha esquecido de infiltrar nos corações puros ainda de todos aquelles jovens que escutavam com profunda e religiosa attenção os sabios e paternaes conselhos, o sentimen-

to pelas desventuras alheias, dizendo que devíamos senti-las tanto como se fossem nossas.

E não foi infructifero o seu afan e nem poderia sê-lo. Não poderia, não seria nunca infructifero porque o coração da creança é semelhante a um campo exuberante de seiva, onde as chuvas são constantes e regulares e o sol é vivificante sem que caustique ou abraze; que espera unicamente que as sementes sejam lançadas no seu seio fecundador para reverdecem e fructificarem com rapidez notavel.

Se a semente lançada é bôa, dará necessariamente fructo bom; se má, dará fatalmente fructo máo.

Eis porque nos causou tristeza o infortunio de um ente que gemia em um carcere cruel e barbaro, feroz e deshumano. Mas tratava-se de um vil e indigno criminoso, dirá alguém que se julga superior a todas as paixões,—no entanto são mais pusillanimes, fracos, cobardes, do que talvez aquelles que as temem sem terem a estulta pretensão de querer mostrar altivez em face dellas—para os quaes não deve haver sequer compaixão, nem sequer o murmurio de uma prece. Sim, tratava-se de um criminoso, mas tratava-se tambem de um soffredor que começava a trilhar o caminho do arrependimento e da expiação, guiado certamente pela luz bemfazeja e santa da sublime e encantadora religião de Jesus, a julgar pelas suas phrases soluçantes nascidas da sua grande, acerba dor.

E qual é o homem que tem a singular coragem de declarar:—eu jamais serei um criminoso?

Ha certos momentos da vida do homem em que todo o seu esforço é impotente, toda a sua energia não basta, toda a luta empregada o não salva; e elle, impellido pela mão de ferro da desgraça, perversa e fria, tomba no tenebroso abysmo, no pélagos sem fundo do crime, de onde jamais voltarão os homens de honra.

Comprehendendo então a immensidade do seu infortunio, ou succumbe miseravelmente ou se apega ardorosamente á bemfazeja esperança da regeneração como um naufrago que, em noite trevosa e má, sinistra, e aterradora, em luta titanica com as ondas murmuran-

tes e revoltas do tempestuoso oceano, se agarra á unica taboa de salvação que lhe resta.

Não falo aqui dos degenerados que praticam o crime fria e perversamente, por um prazer monstruoso, porque esses são mais um doente do que outra cousa.

Está ahi, pois, o motivo por que nos maguou a carta repassada de magoa do desditoso que supplicava com soluços um lenitivo ao seu martyrio intermino, torturante.

Mas a minha carta já se vae tornando bastante tragica. Dir-se-hia que sou um fervoroso discipulo de Shakspeare— não no tocante á belleza incomparavel de linguagem: está claro e evidente. Falemos, por conseguinte, de cousas alegres; falemos da grata recordação que me despertou a «Revista Escolar», do tempo em que satisfeito e feliz cursava eu o Instituto de Humanidades.

Ah! como eu era venturoso nessa bella quadra de minha existencia! Discutia com o mais accentuado ardor sobre civismo, assistia com enthusiasmo santo aos julgamentos solemnes dos personagens historicos, os quaes tinham assistencia tambem de muitas das mais distinctas familias cearenses e nos quaes era exaltado o bom e humilhado o máo; emfim era eu até deputado e segundo secretario da «Republica dos Cursos Unidos do Instituto de Humanidades».

Era só: e era o bastante para que fosse feliz.

Todavia é bem justo quando affirmam que nesse mundo não ha felicidade completa e accrescentam que essa é uma das innumeradas provas da existencia de Deus, tão innumeradas como «as estrellas do céu e as areias do mar» Quanto a mim, havia um obstaculo a que fosse inteiramente feliz: o horror que me inspirava o maldito «Club Antonio Mathias».

Falo assim porque conheço-lhe o sabor amargo.

Como fosse, no começo, pouco habil nos calculos mentaes, perdi todas as 500 chapas que me havia emprestado o Mestre, conforme costumava fazer, no principio do anno, com todo alumno matriculado.

Isso equivaleu-me cahir fatalmente no indigno

«Club», de onde só consegui sahir e com muito custo no anno seguinte; e não me recordo que levasse saudade alguma, tão *agradavel* é elle. E' bem provavel que os que os que fazem, hoje, parte desse club, se tiverem noticia do que venho de affirmar, talvez me dêem o epitheto de ingrato: paciencia, peor fôra mentir.

Sem querer me vou tornando demasiado prolixo. Apresso-me, portanto, a deixar cahir da penna o ponto final.

Necessito ainda dizer que, quanto á assignatura da «Revista Escolar» que me pede, acceito-a satisfeito. Direi comtudo que o Papae será o encarregado—como sempre—de satisfazer o pagamento, visto que as finanças por aqui não estão muito catholicas, não: a «Republica» está em crise.

Eis porque concordo com os que dizem que estudante quebrado é pleonasma.

Attendendo a esse critico estado financeiro em que se acha a «Republica» de que sou cidadão, e não podendo levantar um emprestimo, em vista da falta de garantia de pagamento, devolverei o aviso ao Papae para que elle tome uma assignatura para mim e satisfaça os respectivos pagamentos.

Sem mais

seu mt.<sup>o</sup> att.<sup>o</sup> e obd.<sup>o</sup> disc.<sup>o</sup>.

JOSÉ PIERRE CARNEIRO JUNIOR.

Ouro Preto—24 de Maio de 1914.

New York, 25 de Março 1914.

Caro Mestre

Recebi seu cartão, mas não recebi as revistas.

Escrevo agora para o Sr. desejando que esta carta o encontre em paz, assim como sua Exma. Senhora.

Sr. Nogueira, este collegio em que estou é muito bom, tem muitos alumnos.

Agora já conheço o gelo nas ruas; aqui é um tanto frio; mas depois passa.

Como vae o Sr. seu filho?

Como vae o seu collegio?

Tem muitos meninos ainda? Nunca hei de esquecer de tão bom Professor como o Sr. Esta é minha obrigação, porque quero muito bem ao Sr.

O Sr. Nogueira tem visto a vóvó? Peço-lhe que a visite sempre. Ella está morando na rua do Senador Pompeu 153. Convide a ella e anime-a para vir com a minha Mamã em Maio proximo. Sim? Por favor responda estas pequenas linhas.

Recommende-me a todos os seus alumnos. Lembranças a sua Exma. Senhora e a seu filho e o Sr. receba um grande e apertado abraço do seu sempre amigo

DICK (\*)

—De respeitabilissimo intellectualista brasileiro, a quem tivemos a ousadia de offerecer as *Lições Progressivas de Primeiras Letras* vimos numa carta que nos dirigiu, o seguinte:

Minha filhinha Maria Ameia acaba inciar-se nas *glaias do A B C*. E' meu desejo que ella tenha como primeiro livro de leitura—suas «*Leituras Progressivas de Primeiras Letras*».

Tenho um exemplar do seu trabalho com gentilissima dedicatória—exemplar que guardo sob sete chaves—e não quero confiar aos cuidados de u'a pequerrucha de cinco annos.

«Em nome de Maria Amelia beijo gratamente sua dextra pela fidalguia da offerta.

De suas *Lições progressivas de calculos mentaes e calculos rapidos*—por emquanto nada direi. Aguardo-me para quando V. ultimar a publicação. Nessa oportunidade ficará V. sabendo de um milagre operado pelas suas *Lições*».

### Solicitações:

Da directoria da «União Santo Agostinho», em Ouro Preto, Minas Geraes, communicando-nos a inauguração de uma sala de leitura em sua séde e solicitando-nos a remessa das publicações do Instituto. E' seu digno presidente o dr. Joaquim Furtado de Menezes.

(\*) Richard H. Mardock, que iniciou seus estudos em o nosso estabelecimento, com grande aproveitamento, residindo actualmente em New-York.

—Do digno Bibliothecario da Faculdade de Medicina da Bahia solicitando-nos as collecções anteriores da nossa Revista, no intuito de augmentar melhorando a collecção de revistas da mesma bibliotheca.

—Do Illmo. Sr. Pharmaceutico Simão Patricio da Costa Netto, de Areia, Parahyba, secretario da Bibliotheca do Congresso de Lettras daquela cidade, solicitando-nos a remessa da Revista.

—Do sr. José Ardelino Fleury Curado, d. secretario da «Sociedade de Leitura», de Corumbá, Estado de Goyaz, sollicitando-nos a remessa para a mesma sociedade, de nossa Revista. E' uma sociedade catholica que tem por escôpo a diffusão das suas leituras. E' seu presidente o Revm. Monsenhor Francisco Xavier da Silva.

### Accusos de recebimentos :

Do exmo. sr. Epiphanio da Fonseca Doria, Director da Bibliotheca Publica do Estado de Sergipe, accusando a remessa que fizemos dos numeros 1 a 4 do corrente anno e solicitando-nos a collecção de nossa *Revista*, do anno p. passado.

—Do Illmo. Sr. Eurico Pinto, digno 1º Secretario do Centro Typographico Cearense, accusando o recebimento de nossa revista. Com muito prazer transcrevemos um topico que muito nos envaidece :

«Li-a com certo apuro, e satisfeito como sempre estou, pois nella se encontra, ao lado de proveitosa collaboração magistral, o aproveitamento haurido da vossa especial maneira de educação para com os vossos caros discipulos».

—Do Exmo. Sr. Dr. Don Abel G. Perez, d. Inspector Nacional de Instrucción Primaria e Director de los «Anales de Instrucción Primaria, de Montevideo—Uruguay, accusando-nos o recebimento da nossa Revista que temos sempre remettido *en cambio* com aquella importante publicação.

Em satisfação do pedido que nos faz do nº 2 do vol. X, enviamos a collecção completa.

—De nosso esforçado correspondente professor Lourenço Gurgel, de Apody, Rio Grande do Norte, datada de 28 de Abril, temos amistosa missiva, accusando o recebimento de nossas remessas e da qual destacamos o seguinte:

«E' pena que os nossos patricios ainda se preoccupem tão pouco com a instrucção, a ponto de não

ligarem importancia a leituras de tanto alcance».

—Do Ilmo. Sr. Sizenando Cavalcante, digno Secretario da *União Artística Iguatuense* accusando o recebimento dos ultimos numeros da Revista, que nos solicitou.

—Do Ilmo. Sr. Aristoteles de Queiroz, 1.º Secretario do *Club dos Diarios*, accusando o recebimento do ultimo numero da Revista.

—Do Ilmo. sr. Carlos F. de Paula, secretario geral do «Centro de Sciencias, Letras e Artes» de Campinas. accusando o recebimento do n. 113, Anno 10, da «Revista Escolar».

### Convites:

Do exmo. Sr. Clodomiro B. Vasconcellos, Inspector da Instrução Publica do Estado do Rio de Janeiro, convidando-nos para tomar parte nos trabalhos do 4.º Congresso de Instrução Primaria e Secundaria, que se reunirá na cidade de Nictheroy a 7 de Setembro do corrente anno.

—Do digno Secretario Sr. A. Sá, da «Padaria Literaria», convidando-nos para a sessão commemorativa da gloriosa data 13 de Maio—Libertação dos escravos—no salão da «Phenix Caixeiral».

—Do professor Odorico Castello Branco, digno director do Instituto «Miguel Borges» convidando-nos para assistirmos as festas em commemoração ao 14.º anniversario da fundação do mesmo Instituto, realizadas a 1.º de Junho.

### Comunicações:

Do Ilmo. Sr. Vicente Arnaud, 1.º Secretario da União Artística Iguatuense «Paz, Justiça e Trabalho», communicando-nos a posse, em 1.º de Maio, da nova directoria para o corrente anno, assim constituida:

—De Olympio Galvão, nosso correspondente no Recife, chefe de secção dos Correios de Pernambuco presentemente no Rio de Janeiro, de onde nos envia o seu *adresse*.

—Do Exmo. Sr. Dr. Guilherme Moreira, digno director do Lyceu do Ceará, com data de 28 de Março, accusando o recebimento do officio do nosso director, datado de 13 de Janeiro do corrente anno, em que declarava ter adoptado o regulamento do Lyceu—tendo sido a declaração tomada por termo, archivada e registrada para os devidos effeitos.

—Do exmo. sr. desembargador Luiz Tavares da Luz, 1.<sup>o</sup> secretario do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, communicando-nos a posse, a 3 de Maio, da nova directoria ultimamente eleita para gerir os destinos do Instituto no anno social de 1914 a 1915, assim constituida:

Presidente—Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos; 1.<sup>o</sup> Vice-Presidente—Desembargador Luiz Manoel Fernandes Sobrinho; 2.<sup>o</sup> Vice-Presidente—Coronel Pedro Soares de Araujo; 1.<sup>o</sup> Secretario—Desembargador Luiz Tavares de Lyra; 2.<sup>o</sup> Secretario—Dr. Nestor dos Santos Lima; Supplentes do 2.<sup>o</sup> Secretario—Conego Estevam José Dantas e Padre José de Calazans Pinheiro; Orador—Dr. Francisco Pinto de Abreu; Adjuncto do Orador—Dr. Sebastião Fernandes de Oliveira; Thesoureiro—Desembargador João Dionysio Filgueira; Comissão de Orçamento—Conego Estevam José Dantas, Dr. Pedro Soares de Amorim e Professor Joaquim Lourival Soares da Camara; Comissão de Redacção da «Revista»—Desembargador Luiz Manoel Fernandes Sobrinho, Drs. Antonio Soares de Araujo e Henrique Castriciano de Souza.

—Do bibliothecario do Gremio Litterario «Araripe Junior» desta capital communicando-nos a installação da bibliotheca mantida pelo mesmo Gremio e solicitando-nos a remessa da Revista.

### Gentilezas :

O professor Joaquim de Almeida Genú, nosso digno representante em Belém do Pará, teve a delicadeza de enviar-nos as publicações *A Imprensa*, *o Estado do Pará*, *O Cearense*, *Correio de Belém*, *Folha do Norte* e *Diario da Manhã*, onde vimos lisonjeiras referencias á nossa Revista.

—Da directoria do Gabinete de Leitura Camocinense recebemos, acompanhado de gentil e cordial dedicatória, uma photographia do salão principal do mesmo gabinete, figurando, ao centro, em primeiro plano, a mesma directoria, da qual fazem parte: Julio Cicero Monteiro, presidente; J. J. de Oliveira Praxedes, vice-presidente; Arthur Barbosa, 1.<sup>o</sup> secretario; Polycarpo de Souza, 2.<sup>o</sup> secretario; Severiano J. de Carvalho, thesoureiro; Pedro Morel, orador official; e F. Mescal Carneiro, bibliothecario.

Pela gentileza da lembrança muito penhorado nos manifestamos, sentindo, entretanto, como já tivemos occasião de fazer-o particularmente, aos dignos offertantes, não poder reproduzir-a em nossas columnas—lembrança nossa como paga da offerta e de outros motivos de que se constituíram nossos credores

Na nossa humilde opinião é uma das bibliothecas mais adiantadas do interior do Estado. Ultimamente tem o Gabinete de Leitura Camocinense adquirido a expensas proprias muitas obras de valor, entre as quaes figuram as da Bibliotheca



Internacional, a collecção completa de Camillo Castello Branco, diversas revistas estrangeiras, etc.

—Do exmo. sr. Isaac Guadan, director da importantissima revista «Educación Popular» e Cathedratico del Instituto de Logroño, España, recebemos o endereço para estabelecimento de relações da «Revista Escolar» com a «Educación Popular».

### Referencias da Imprensa:

Ainda adaptando-se ao titulo «Flôres da Revista», que vem encimando a presente secção, transcrevemos as honrosas referencias feitas pela imprensa nacional e estrangeira, ao nosso modesto mensario—referencias que nos desvanecem e captivam sobremodo e as quaes agradecemos com todas as véras d'alma:

*Revista Escolar* do Instituto de Humanidades do Estado do Ceará, anno 10.<sup>o</sup>, n. III, mez de Março.

O sr. dr. Joaquim da Rocha Bressane, intelligente e illustrado advogado nos auditorios desta comarca, offereceu-nos um exemplar (o supra citado) desta magnifica revista pedagogica, de que é representante em S. Paulo.

Lemos o bem impresso folheto de *fond en comble*, e nelle apreciamos os bons escriptos dessa publicação escolar, alguns da lavra de professores do Instituto de Humanidades cearense sob a proficiente direcção do professor Joaquim da Costa Nogueira.

A revista em questão constitue, por sem duvida, uma utilissima obra em bem do ensino e aperfeiçoamento intellectual dos alumnos que nella encontram devidamente desenvolvidos themas relativos á pedagogia, á philologia, á geographia e historia do Brasil.

A sua utilidade, dizemos mais, é extensiva mesmo aos estudiosos que não frequentam os cursos gymnasiaes ou escolares, em vista dos conhecimentos que da revista podem haurir com facilidade.

No presente numero a *Revista Escolar* insere uma interessante collecção de cerca de 140 fórmas dialectaes cearenses, isto é, *rifões*, *proverbios*, etc. usados pelo vulgo, em continuação aos já publicados em numero anterior.

A assignatura da revista é modica—6\$000 annuaes.

Agradecemos ao dr. Bressane a gentil offerta que nos fez. (D' «A Nação», de S. Paulo).

Temos sobre a mesa o n.<sup>o</sup> 2 da bem cuidada *Revista Escolar* do Instituto de Humanidades, dirigida pelo sr. Joaquim da Costa Nogueira.

E' uma revista que honra sobremodo aquelle instituto de estudo secundario, pois vem repleta de artigos de instrucção alem de uma parte litteraria, muito bem escolhida.

(D'«A Capital», de S. Paulo).

«Revista Escolar», do Instituto de Humanidades, do Ceará, da qual é director o professor e pedagogista sr. Joaquim da Costa Nogueira. Este numero correspondente a Fevereiro, traz materia interessante, principalmente na parte didactica.

No genero a «Revista Escolar» enfileira-se entre as melhores do Brazil, pela sua orientação e confecção.

(Do «Diario Popular», de S. Paulo).

Pelo Sr. Joaquim da Costa Nogueira, reputado educador cearense, director do Instituto de Humanidades, com séde em Fortaleza, foram-nos offertados alguns numeros da *Revista Escolar*, por elle criteriosamente organizados e já no seu 10.º anno.

Todos os numeros trazem escoihida e variada collaboração, constituindo, no genero, um legitimo modelo.

(D'«A Gazeta», de S. Paulo).

Temos sobre a nossa mesa de trabalho mais um numero da *Revista Escolar*, utilissima publicação do Instituto de Humanidades do Ceará.

O exemplar que temos á vista, correspondente ao primeiro numero deste anno, traz um rico e variado texto capaz só por si de dar uma perfeita idéa de quão adiantado vae por aquelle Estado o problema da instrucção.

Basta citar aqui o summario desse numero para se avaliar da importancia da referida revista que não hesitamos em recomendar aos srs. paes de familia como de grande proveito para a educação moral e intellectual de seus filhos.

Eis o summario : Didactica—O Novo Anno, *Redacção*; Tirocinio do Abecê, *dr. Pedro de Queiroz*; Idioma Rustico, *Julio C. Monteiro*. Vida Escolar—Litteratura Infantil : Vá! Padre Mestre!... *J. B. Perdigão de Oliveira*; O Urubú e o Gavião; Fauna e Flora; Cousas Historicas; Phrases Litterarias; Poesia; Civismo; Exercício de Portuguez; Licções Progressivas de Desenho; Cidades do Brasil; Problemas; Vinhetas; Chronologia, *Professores e alumnos do Instituto*.

(Do «Goyaz»).

Temos sobre a nossa mesa de trabalho dous exemplares d'esta importante publicação que se edita na capital do Estado do Ceará, sob a competente direcção do provector educador brasileiro Joaquim da C. Nogueira.

Tem bons artigos, variada collaboração que muito concorrem para dar á Revista um lugar de merecido destaque entre as principaes revistas do norte do Brazil.

Foi com prazer que folheámos as suas paginas cheias de vida e de patriotismo e por isso não trepidamos em aconselhar a

«Revista Escolar» aos que amam as leituras sadias e boas.

Gratos pela gentileza da offerta, enviamos as nossas felicitações para que a sympathica collaboração tenha brilhante triumpho de que aliás é muito merecedora.

(Do «Estado de Goyaz»).

Temos o prazer de ver sobre a nossa modesta banca de trabalhos essa importante Revista que, sob a direcção do sr. Joaquim da Costa Nogueira, se publica mensalmente na capital do Ceará.

Está no 10.<sup>o</sup> anno de sua publicação e tem um corpo selecto de collaboradores que não poupam esforços para tornar a revista recommendavel por muitos titulos, á sympathia e ao estudo dos que apostolam a educação em nosso paiz.

Vale a pena perlustrar as suas paginas que prendem logo a attenção do leitor tanto pela parte material que è digna de elogios, como pela parte litteraria e didactica que colloca a Revista entre as mais importantes publicações do norte do Brazil.

Fica, pois, consignada nestas linhas a expressão do nosso prazer pela visita da sympathica publicação que muito recommenda o seu esforçado director.

(D' «O Lidador», de Goyaz).

«Revista Escolar»—Chega-nos de Fortaleza (Ceará) o n. 4, 11.<sup>o</sup> vol. daquella «Revista», editada pelo «Instituto de Humanidades», de que é director o Sr. Joaquim da Costa Nogueira. No genero, é uma das melhores publicações que se fazem no paiz.

O summario deste exemplar o comprova. Contém: A Educação Nova; A. Drummond.—Paginas Aridas; Od. Castello Branco.—Idioma rustico; Julio Monteiro.—As letras mais proximas ao P; quantas são as letras do alphabeto portuguez?; J. Baptista Perdigão.—Historia Universal; dr. Raymundo F. Ribeiro.—Y tremado; dr. da Roça.—Pensamentos, Vinhetas.—Vida Escolar: literatura infantil.—Que seria...; J. Nogueira.—Civismo, portuguez (exercicios). Cidades do Brazil. Ilhas do Brazil. Calculos mentaes. Chronologia, Boa Leitura.—Notas diversas.

Destacámos deste exemplar as quadrinhas que se seguem, firmadas pelo Pe. Manoel Xavier, poeta mineiro, de quem já temos publicado joias de não inferior quilate, conservadas por contemporaneos e admiradores daquelle sacerdote:

Não é por muito falar,  
Que se justifica um réo;  
E nem por muito rezar  
Que o peccador ganha o céo.

Andando de rasto a cobra  
Traz o veneno comsigo:  
Assim faz o adulador,  
Parecendo ser amigo.

Agradecemos o exemplar, levando ao conhecimento da distincta Redacção da «Revista» as irregularidades no recebimento, as quaes bem podem promanar do nosso deficiente serviço postal.

(Da «Cidade de S. João», de S. João da Boa Vista, S. Paulo).

«Revista Escolar». Recebemos os numeros de Dezembro e Janeiro p. passado.

Vem, como sempre, enriquecida de uma leitura variada, agradável e summamente instructiva.

A excellente revista cearense obedece a direcção do conhecido e erudito professor Joaquim da Costa Nogueira.  
(Do «Jaguaripe»—Bahia).

Somos grato ao sr. Joaquim Genú, representante da «Revista Escolar», que se publica no Estado do Ceará, por iniciativa do Instituto de Humanidades, do competente educador Joaquim da Costa Nogueira, pela remessa do n.º 4 do vol. 11.º da mesma revista.

A «Revista Escolar» no genero não é inferior a qualquer outra que se publica em todo o paiz, notadamente pelo lado pratico que visa. E' portadora de variados assumptos escolares, trazendo grande copia de informações proveitosas em relação a diversas materias que compõem o curso de humanidades.

Tem a «Revista Escolar» uma feição muito pratica. Constantes lições de civismo diffunde com a publicação de artigos da Constituição Federal e faz propaganda pelos principaes deveres dos cidadãos.

Agradecidos, promettemos retribuir a visita da confreira.  
D'«O Commercio», de Santarém, Pará).

«Revista Escolar», director Joaquim da Costa Nogueira, Fortaleza.

O exemplar de Maio. Digno de apreço como todos os outros que tem publicado. O idioma rustico do sr. Julio Monteiro, sempre interessante pela grande força de observação.

(Da «Gazeta de Pesqueira», de Pernambuco).

Mais um numero da magnifica *Revista Escolar* do Instituto de Humanidades, do Ceará, sob a proficiente direcção do sr. professor Joaquim da Costa Nogueira vem de nos chegar ás mãos.

Traz o n.114 (10.º anno), e o seu summario, além de abundante é variado, tratanto ella de assumptos muito uteis á vida escolar.

De resto, consoante affirmamos em um dos nossos numeros anteriores, ao accusarmos o recebimento desta publicação, a *Revista Escolar* desenvolve materia, cuja leitura interessa mesmo ás pessoas versadas em quaesquer conhecimentos litterarios ou scientificos.

A impressão executada pela typ. Escolar do Instituto nada deixa a desejar no que concerne á esthetica e ao bom gosto.  
(D'«A Nação», de S. Paulo, n.º 65).

De Fortaleza, Ceará, recebemos um numero da «Revista Escolar», órgão do Instituto de Humanidades, estabelecimento de ensino dirigido pelo sr. Joaquim da Costa Nogueira. O exemplar que temos sobre a nossa mesa de trabalho está bem regularmente feito contendo escriptos varios sobre assumptos

pedagogicos, todos obedecendo ao methodo didactico. Por isso achamos a «Revista Escolar» muito util ao fim a que se destina —o aproveitamento dos alumnos do Instituto de Humanidades.

Que os seus redactores prosigam, procurando melhor-a de mais a mais.

(Da «Careta», de 2 de Maio, do Rio de Janeiro).

O Sr. J. Julio Nogueira, habil professor publico n'esta cidade, teve a gentileza que agradecemos, de nos offerter tres numeros da «Revista Escolar» do Instituto de Humanidades, no Ceará, do qual é director o irmão do offeritante, sr. Joaquim da Costa Nogueira, competente educador. São esses numeros dos mezes de agosto, setembro e outubro e cheios de interesses pelo divertido da leitura, excellencia de estylo e grande valor didactico. Mais uma vez agradecidos.

(D'«O Estado», de Tarauacá, T. do Acre).

Recebemos e agradecidos permutaremos a visita da excellente «Revista Escolar» do Instituto de Humanidades do Ceará, sob a direcção do honrado professor Joaquim da Costa Nogueira, por offerta do nosso collaborador, dr. Nestor Lima.

Com um summario copioso e muito interessante, a «Revista Escolar», é sem contestação um esferço ingente daquelle distincto educador cearense e constitue um repositório de valiosos conhecimentos pedagogicos e praticos. Desvanecidos pela visita da «Revista» que honra a imprensa pedagogica no Brazil, levamos nossas felicitações ao seu digno director e proprietario professor Joaquim da Costa Nogueira.

(Do «Oriente de Natal», Rio G. do Norte).

Recebemos, em brochura, um exemplar desta conhecida e bem feita revista, organo do Instituto de Humanidades, correspondente ao mez de Fevereiro, publicada no Estado do Ceará, sob a direcção criteriosa do professor Joaquim da Costa Nogueira.

Tem um excellente summario, a par de finos conhecimentos sobre a litteratura nacional.

(Do «Pequeno Jornal», de Cachoeira—Bahia).

«Revista Escolar». — Recebemos a visita do 113.º numero da apreciada e conhecida revista do sr. Joaquim da Costa Nogueira, director do Instituto de Humanidades, a qual anda já no decimo anno da sua publicação. Do presente numero destacamos um importante trabalho do sr. Antonio Drummond, *A Educação Nova*, uma interessante critica do sr. Odorico Castello Branco ao livro *Paginas Aridas* do sr. Santos Azevedo, de Goyaz, e um ponto de Historia Universal, do dr. Raymundo Ribeiro, em continuação á brilhante série que ali vem de ha mezes publicando.

(«Revista Commercial» de 1.º de Junho).

«Revista Escolar». — Recebemos a «Revista Escolar», orgão do conceituado «Instituto de Humanidades» que tem por director o illustre professor sr. Joaquim da Costa Nogueira.

Agradecendo a gentileza da offerta, recommendamos ao publico esse ultimo numero da «Revista Escolar», que vem repleta de bons artigos na maioria subscriptos por distinctos collaboradores, de reconhecidos meritos no nosso meio litterario.

(Da «Revista Commercial», desta capital, de 30 de Junho).

Temos sobre a nossa banca o n.º 114 da conhecida «Revista Escolar», do importante estabelecimento de instrucção Instituto de Humanidades, de que é director o competente professor Joaquim da Costa Nogueira.

A Revista presente traz variada e attrahente collaboração. (D'«O Dia», desta capital).

Temos sobre a mesa o volume II, n.º 3 du «Revista Escolar», do conhecido Instituto de Humanidades, do qual é director o illustrado professor Joaquim da Costa Nogueira.

Vêm repletas as suas paginas de uma collaboração litteraria preciosa, a par de bem elaborados artigos scientificos.

Agradecemos a visita.

(D'«A Palavra», desta capital).

«Revista Escolar»—Importante revista do Instituto de Humanidades, reputado estabelecimento de ensino, em Fortaleza, sob a competente direcção do provector educador, Sr. Joaquim da Costa Nogueira.

(Do «Gremio», de Sobral).

Visitou-nos a «Revista Escolar», publicação do Instituto de Humanidades e que se edita sob a competente direcção do professor Joaquim da Costa Nogueira.

Como sempre, vem a «Revista Escolar» recheiada de optimos trabalhos literarios e exercicios didacticos de real valor.

Agradecemos a fidalguia da attenção que nos dispensou, vindo illustrar nossa banca de trabalhos.

—Recebemos o numero de Maio da «Revista Escolar», organ do Instituto de Humanidades, de que é director o sr. Joaquim da Costa Nogueira.

Encerra trabalhos da penna de A. Drummond, Alberto Montezuma, Odorico Castello Branco, J. Nogueira e Andrade Furtado.

(Do «Diario do Estado», desta capital).

«Han llegado a nuestra redacción algunos números de la «Revista Escolar» del Instituto de Humanidades de Ceará (Brasil).

Nos ocuparemos de esta revista, muy bien escripta y editada, y publicaremos algún articulo interesante, traducido. Queda con gusto establecido el cambio».

(Da «Educación Popular», de Logroño—España).

# NOTAS DIVERSAS

## AULAS DE RELIGIÃO

No corrente mez foram iniciadas, em o nosso estabelecimento de ensino, as aulas de Religião, tendo como instructor o Revmo. Conego Mourão, que, com sua rara e profunda competencia sobre a materia, tem dissertado a contento dos alumnos e com grande aproveitamento para os mesmos.

## D. MANOEL

Honrou-nos, ao seguir para a Europa, com sua despedida pessoal, S. Excia. Revdma. D. Manoel da Silva Gomes, preclaro e mui virtuoso principe da Igreja Cearense, a quem, humildes e reverentes, agradecemos tão elevada distincção, osculando respeitosa e sagrada joia que lhe adorna o anel episcopal.

Que S. Excia. seja bafejado pelas auras fagueiras da felicidade e regresse o mais breve possível ao seio de seus dilectissimos fieis, são os nossos mais sinceros desejos.

## MARIÔ LINHARES

Fomos distinguido com a visita do notavel e festejado poeta dos «Florões», Mario Linhares, a quem nos prendem vinculos de sincera e cordialissima camaradagem, que vimos cultivando, com muito carinho e esmero, desde longo tempo. Agradecemos, penhoradissimo, a gentileza da visita deste nosso prezado amigo, espirito dos mais promissores da actual juventude intellectual cearense.

## GUSTAVO BARROSO

Após longos annos de ausencia de seu estremecido torrão natal, chegou da Capital da União o nosso distinctissimo amigo e talentoso intellectual Dr. Gustavo Barroso, que veiu desempenhar as funcções do elevado cargo de Secretario do Estado, para o qual fôra merecidamente nomeado pelo governador actual, Coronel Dr. Benjamin Liberato Barroso. E' com intima satisfação e ufania que aqui consignamos este feliz acontecimento, porquanto Gustavo Barroso occupa na galeria dos amigos do Instituto logar de summa distincção e benemerencia.

## JOÃO SOBREIRA

Do honrado e conhecido proprietario da importante Casa Petropolis, desta capital, Sr. João Sobreira, recebemos um exemplar contendo Cartas geographicas—reclamos de productos importados, cuja gentileza sinceramente agradecemos.

## INSTITUTO «MIGUEL BORGES»

Annuindo ao honroso e gentilissimo convite que nos endereçou o illustrado e benemerito Director do conceituado Instituto «Miguel Borges», nosso prezado amigo e preclaro collaborador Odorico Castello Branco, nomeámos uma commissão composta dos esperançosos alumnos:

Arcelino e Antonio de Mattos Brito e Julio Soares, para o cumprimento de tão nobre incumbencia.

O movel da festa que motivára o referido convite, era o faustoso acontecimento do 14.º anniversario da fundação desse importantissimo departamento de instrucção cívica, occorrido no dia 1.º de Junho do corrente anno.

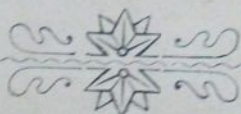
Ainda nos perdura a impressão agradabllissima daquella augusta solemnidade, transparecendo nella o espirito eminentemente culto e emprehendedor do operoso e proveccto Director do Instituto «Miguel Borges», a quem agradecemos a gentileza com que nos distinguiu.

### BARÃO DE STUDART

O Exm. Sr. Barão de Studart, em amistososo cartão que se dignou enviar-nos, manifesta seus sinceros agradecimentos pela remessa de «coupons» de bonds, que fizemos para serem resgatados em favor dos pobres da Sociedade de S. Vicente de Paulo, de que elle é Chefe Supremo nesta capital.

### ALMIRANTE BACELLAR

Desvanecidos, accusamos a recepção do cartão que nos dirigiu o respeitavel Sr. Vice-Almirante Duarte Huot Bacellar, em resposta ás saudações que lhe enviámos, em virtude da passagem do 11 de Junho, que commemora o feito de uma das maiores batalhas navaes de «Riachuelo».



## SOLUÇÕES

dos Problemas extrahidos do Alm. de Bertrand á pag. 199 e propostos no ultimo numero desta Revista

Do 1º—Achar um numero de 4 algarismos igual ao quadrado do numero formado pelos seus dois ultimos algarismos.

Resposta:—Chamarei  $y$  o numero formado pelos dois ultimos algarismos do numero procurado.

Chamarei  $x$  o numero formado pelos dois primeiros algarismos do mesmo numero.

O numero  $x$  representa a totalidade das centenas do numero procurado: o valor do numero procurado é, portanto

$$100x + y$$

Escrevendo que este valor é igual ao quadrado do numero formado pelos dois ultimos algarismos, teremos

$$100x + y = y^2$$

E' a equação do problema.

As incognitas  $x$  e  $y$  devem ser numeros inteiros, de dois algarismos. cada um.



O problema é, portanto, problema de analyse indeterminada. Resolvendo a equação em relação a  $x$ , obtemos

$$x = \frac{y^2 - y}{100}$$

ou

$$x = \frac{y(y-1)}{100}$$

$$x = \frac{y(y-1)}{4 \times 25}$$

O valor de  $x$  é representado pela fracção

$$\frac{y(y-1)}{4 \times 25}$$

e, como  $x$  deve ser inteiro, esta fracção deve se reduzir a um numero inteiro. Para isto, o factor 25 do denominador deve dividir o numerador, isto é, deve dividir o producto  $y(y-1)$ . Este producto é um producto de dois factores  $y$  e  $y-1$  que são primos entre si, porque são dois numeros inteiros consecutivos. Logo, 25 deve dividir um ou outro destes dois factores.

Para que 25 divida  $y$ , é preciso que  $y$  tenha o valor de um ou outro dos numeros seguintes :

25, 50, 75

porque  $y$  deve ser um numero de dois algarismos e os unicos numeros de dois algarismos que são multiplos de 25 são justamente

25, 50, 75.

Para que 25 divida  $(y-1)$ , é preciso que  $(y-1)$  seja igual a um ou outro dos mesmos numeros

25, 50, 75

o que exige que  $y$  seja igual a um ou outro dos numeros 26, 51, 76.

Finalmente, para que o numerador

$$y(y-1)$$

seja divisivel por 25, é preciso que  $y$  tenha o valor de um ou outro dos numeros seguintes :

25, 26, 50, 51, 75, 76.

Podemos assim fazer seis hypotheses sobre  $y$ . Vamos examinar estas seis hypotheses successivamente.

### 1<sup>a</sup> HYPOTHESE

$$y=25$$

Nesta hypothese de ser  $y$  igual a 25, o factor  $y-1$  será igual a 24, e a fracção  $\frac{y(y-1)}{4 \times 25}$  terá então o valor

$$\frac{y(y-1)}{4 \times 25} = \frac{25 \times 24}{4 \times 25} = 6$$

O valor de  $x$  será

$$x = \frac{y(y-1)}{4 \times 25} = 6$$

Nesta hypothese,  $x$  seria igual a 6. Mas, este valor de  $x$  não serve para a solução do problema, porque  $x$  deve ser um numero inteiro de *dois algarismos*.

Conclusão: os valores de  $x$  e  $y$  nesta primeira hypothese não servem para solução do problema.

## 2ª HYPOTHESE

Nesta segunda hypothese, teremos

$$x = \frac{y(y-1)}{4 \times 25} = \frac{26 \times 25}{4 \times 25} = \frac{26}{4}$$

Este valor de  $x$  não serve, porque não é inteiro, nem se reduz a um numero inteiro.

Conclusão: esta segunda hypothese deve tambem ser eliminada, porque não dá solução para o problema.

## 3ª HYPOTHESE

$$y=50$$

Nesta terceira hypothese, temos

$$x = \frac{50 \times 49}{4 \times 25}$$

Este valor de  $x$  não é inteiro. Esta hypothese deve tambem ser eliminada.

## 4ª HYPOTHESE

$$y=51$$

O valor de  $x$ , nesta hypothese, é

$$x = \frac{51 \times 50}{4 \times 25}$$

Este valor de  $x$  não é inteiro. Esta hypothese deve tambem ser eliminada.

## 5ª HYPOTHESE

O valor correspondente de  $x$  é

$$x = \frac{75 \times 74}{4 \times 25}$$

Este valor de  $x$  não é inteiro. Esta hypothese deve ser eliminada.

## 6ª HYPOTHESE

$$y=76$$

O valor correspondente de  $x$  é

$$x = \frac{y(y-1)}{4 \times 25} = \frac{76 \times 75}{4 \times 25} = 57$$

Este valor de  $x$  é 57.

Este valor de  $x$  é inteiro e é um numero de dois algarismos. Logo, satisfaz ás condições do problema. Este valor de  $x$  dá a solução procurada. O valor de  $x$  sendo 57 e o valor de  $y$  sendo 76, o numero procurado é o numero 5776.

Conclusão: o numero procurado é o numero 5776.

## VERIFICAÇÃO:

Verifica-se facilmente que o numero 5776 é igual ao quadrado do numero 76 formado pelos dois ultimos algarismo :

$$\begin{array}{r} 76 \\ 76 \\ \hline 456 \\ 532 \\ \hline 5776 \end{array}$$

Arthur Thiré

(Livre Docente da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro)

Do 2º

Resposta:—(Repetido, por engano, pois que no mesmo exemplar demos a solução).

Do 3º.—*Achar dois numeros inteiros taes que a sua somma iguale a seu producto. Pedese o mesmo para tres numeros.*

Resposta:—2 e 2 para o 1º. caso. Para 3 numeros: 1, 2 e 3.

Do 4º.—*Tres irmãos têm 30 annos, 20 annos e 6 annos; em quantos annos a somma das idades dos mais novos egualará á idade do mais velho?*

Resposta:—D'aqui ha quatro annos o irmão mais velho terá 33 annos e a somma das idades dos outros dois será tambem 34 annos.

Do 5º.—*Achar tres numeros inteiros e consecutivos, cujos dois algarismos da esquerda do producto do menor pelo médio sejam iguaes ou maior (pag. 262).*

Resposta:—Os tres numeros inteiros consecutivos são: 11, 12 e 13. E' facil a verificação.

Bem que não tenhamos ainda publicado outros problemas extrahidos do mesmo almanach e como já conhecemos suas respectivas soluções, damol-as infra para satisfação dos que por nosso intermedio as enviam á digna Redacção do conceituadissimo almanach, que já se acha á venda no Rio de Janeiro.

Sentimos, porém, não podermos dar, por falta de tempo e de espaço as demonstrações que nos enviaram. E' de maximo louvor a solitudine do nosso digno correspondente, o venerando Mestre Dr. Arthur Thiré, Livre Docente da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, em occorrer ao nosso appello com suas soluções claras e convincentes, deixando muita luz sobre casos que tão difficeis se apresentavam dantes.

Mencionamos ainda os nomes dos distinctos moços Gilberto Gurgel, antigo alumno do Instituto, e Luiz Veiga que se mostram muito propensos aos calculos.

São estas as soluções dos referidos problemas.

**Pag. 229—Nove algarismos e tres numeros**

1ª Sol. 192, 384, 576

2ª Sol. 219, 438, 557

3ª Sol. 327, 654, 981





- 5—Assume o commando do 2º Batalhão de Policia o cel. Pedro Silvino.
- Fallece nesta capital o major do exercito Philadelpho Leonardo Ferreira Lima.
- 6—Estreiam no palco do Polythema os duetistas lyricos Beneck e Del Mare.
- Fallece nesta capital o dr. Virgilio de Moraes, conceituado advogado e professor de Direito.
- 7—Prisões dos srs. Joaquim Albano, Terto Cabral e Ademar de Carvalho.
- 8—Almoço intimo no «Hotel Central» offerecido pelo dr. Floro Bartholomeu da Costa aos seus amigos.
- 9—A bordo do «S. Paulo» embarca para o Rio de Janeiro o dr. Souza Carvalho, commerciante nesta praça e vereador da Camara Municipal.
- No mesmo paquete segue com o mesmo destino o dr. Floro Bartholomeu da Costa, um dos chefes do movimento revolucionario contra o governo do Estado.
- 10—Pic-nic em Maranguape, promovido pelo «Fortaleza Excursion Club».
- Posse da nova directoria da sociedade «Argos dos Mercieiros» no palacete da Associação Commercial.
- Realiza-se o enterro do corpo do cel. José Bruno Menescal, chegado do Rio, embalsamado.
- Encerra-se a kermesse em favor do monumento J. da Penha.
- 12—Fallece nesta capital o dr. Vicente da Silva Porto, director da Associação Commercial e socio da firma Silva Porto & Cia.
- 13—Embarca para o sul da Republica, a bordo do vapor «Bahia» o poeta Antonio Salles.
- Embarca para a Europa o dr. Manoel do Nascimento Fernandes Tavora, deputado á Assembléa Legislativa do Estado.
- 14—Conferencia do dr. Adonias Lima no «Club dos Diarios» sobre o thema—A mulher e a sua cultura intellectual.
- 15—Procede-se em todo o Estado a eleição para presidente, vice-presidentes e deputados, tendo comparecido ás urnas nas diversas secções do municipio de Fortaleza, 566 eleitores.
- 16—Conflicto entre soldados do 48º Batalhão e jagunços, nesta capital, sahindo feridos tres dos primeiros.
- Começo de sublevação das forças estacionadas nesta capital.
- Effectuam-se diversas prisões.
- 17—Abre-se a exposição do Museu Rocha.
- Eleição da nova directoria da Mutuaria Cearense para o biennio de 1914 a 1916, a qual ficou assim constituída:
- Presidente, dr. José Lino da Justa; vice-presidente, Manoel Jorge Vieira; 1º secretario, Raimundo de Oliveira e Silva; 2º secretario, Fausto Sobreira; 1º thezoureiro, monsenhor Liberato Dionisio da Costa; 2º thezoureiro, Antonio Nunes Valente; conselho fiscal, dr. Pompilio Cordeiro da Cruz, dr. Antonio Epaminondas da Frota e Demetrio de Castro Menezes.
- 18—São intimados os redactores da «Folha do Povo» e d'«A Palavra» a modificar a linguagem dos seus jornaes. Ambos os jornaes suspendem suas publicações
- 24—Grande parada militar em frente á estatua do General Sampaio, á praça Castro Carreira, desta Capital.
- Concerto vocal e instrumental no Palacio do Governo, offerecido pelo general Setembrino de Carvalho á sociedade cearense.
- Funda-se nesta capital uma sociedade mutuaria com a denominação «A Ceará» sobre casamentos, nascimentos, anniversarios, etc.
- 28—Em commemoração á grande bathalha de Tuiuty realiza-se em Porangaba uma festa militar campestre.
- 29—Em visita pastoral segue para Maranguape D. Manoel da Silva Gomes, bispo diocesano.
- 30—Concerto vocal e instrumental no «Club dos Diarios».
- 31—Festa militar no Quartel do Oiteiro, offerecida pelo commandante da 3ª Companhia Isolada aos seus subordinados.

## BOA LEITURA

Recebemos as seguintes publicações, compreendendo revistas, folhetos, jornaes, etc., ás quaes somos immensamente grato :

PARA EU REPRESENTAR (theatro para todos). Com este titulo, fomos distinguido com a offerta de uma «collecção de monologos, dialogos e poesias, para collegios, theatros particulares e salas, por um amigo da juventude—Livraria Cruz & C.<sup>a</sup>—Braga—1912».

Contendo 295 paginas, impressas em papel fino assetinado, todas em galhardo, o volume que temos á mão é escripto em estylo rigorosissimo e attrahente. Ha, em todas as producções que o compõem, um cunho accentuado de fino humorismo e moral christã, que muitissimo aproveita e distrae a quantos o lêrem, mórmente á classe escolar, para a qual, parece, fôra escripto. Seu autor, cujo nome occulta-se sob a clamyde da modestia e do incognito, é um espirito verdadeiramente culto, ao serviço de causas genuinamente nobres, sublimes e elevadas, deixando transparecer, em tudo quanto escreveu, a excellencia de seu coração ultra generoso e patriótico.

A segunda parte é composta de poesias que primam pela sua magna importancia literaria e pelos mais altruisticos sentimentos, firmadas, quasi todas, por notaveis e illustres bardos nacionaes e estrangeiros, que muitissimo se impõem e recommendam á apreciação dos amadores deste genero de leitura.

Variadissima em assumptos creativos, a brochura que temos á vista, bem revela o interesse e amor que o autor consagra á juventude escolar brasileira.

Agradecendo o exemplar que nos foi offerecido, recommendamos a todos, especialmente aos que se abandonam ao tirocinio das letras, á leitura de obra tão valiosa quanto instructiva e aprazivel.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE, órgão da sociedade do mesmo nome. Recebemos um exemplar desta bem confeccionada Revista, sendo este o tomo XIX, correspondente ao corrente anno, o qual vem opulentado de materias escolhidas e variadas, de grande e real valor scientifico, historico e literario.

Abre a brochura em questão, prolongando-se até a pagina 51, o importantissimo trabalho «Datas e Factos», firmado pelo eminente e illustrado historiographo Sr. Barão de Studart, intercalando-se-lhes documentos de absoluto e incontestavel valor historico, dos remotissimos tempos em que o Ceará atravessava ainda o regimen colonial, até 23 de Dezembro de 1769.

E' este um trabalho que attesta, sobremodo, a competencia, o criterio e imparcialidade de seu provecto e sapiente autor, cujo nome é vantajosamente conhecido no scenario das sciencias e das letras.

Em seguida, assignados pelo respeitavel e preclaro homem de letras, que é o Dr. Pedro de Queiroz, vêm muitos trabalhos sobre diversos e escolhidos assumptos, os quaes, pela sua concisão e propriedade de estylo profundo e fluente, atráe e convida á leitura aos espiritos mais excentricos e exigentes.

Dentre os outros trabalhos, que honram e abrilhantam a «Revista da Academia», destacam-se mais os dos distinctos e competentissimos publicistas Drs. Antonio Theodorico da Costa e Eusebio de Souza, sendo que o primeiro gosa, mui justamente, em o nosso meio intellectu-social, da maior reputação literaria.

Auguramos a conceituada Revista, que já conta longos annos de labores mentaes, honrando, dest'arte, ao Brasil e especialmente ao Ceará,

arta messe de prosperidades e intermina existencia.

O EVOLUCIONISTA, jornal noticioso, literario e humoristico, de Cruz Alta, Rio G. do Sul—Anno I, sob a direcção de João Orestes de Barros e Heraclito Machado e gerencia de Leonel Timm.

O ATHENEU, jornal literario e noticioso, órgão do Atheneu Quixadáense, dirigido pelo dr. Adolpho Carvalho, na florescente cidade de Quixadá, deste Estado. São seus principaes redactores J. Marques Junior e J. Mesquita.

COLOMBO, mensario noticioso, literario, que serve de órgão ao «Gremio Litero-Civico Barão do Rio Branco», mantido pelos alumnos do collegio Colombo. Temos á vista o n.º 1 com a data de 25 de Junho. Compõe-se o corpo redactorial dos gremistas Clodoaldo Pinto e Levy Saavedra.

O RIO PRETO, órgão independente, de Sta. Rita do Rio Preto, Bahia—Anno 1.º n.º 1 de 1 de Abril do corrente anno.

LAGÔA SANTA, de Lagôa Santa, Minas Geraes—Anno I, n.º 38.—Publica-se aos domingos, sob a redacção de João Villela.

CIDADE DE FERROS, de Santª Anna de Ferros, Minas Geraes, órgão da Camara Municipal—Anno I, n.º 6.

O LIVRO, órgão dos alumnos do Collegio Amancio, de Victoria, Espirito Santo—Anno 1.º, n.º 1 de 21

de Abril do corrente anno. E' dedicado á memoria de Tiradentes, cujo retrato vem estampado na 1ª pagina. Vem cheio de saudações assignadas pelos alumnos do collegio—dignas de leitura e imitações.

A ALVORADA, órgão do Gremio Literario José de Alencar, de Baturité, deste Estado—(Não são conhecidos os seus redactores).

A IDÉA, revista quinzenal, órgão de livre opinião, da cidade de Victoria em Pernambuco—Anno I, n.º 1, de 15 de Junho do corrente anno. Redactores: Dr. João Corrêa, Eurico Valois, I. de Brito, C. Oliveira Mello e Guedes Alcoforado.

A IDÉA, órgão litero-científico e de assumptos sociaes, publicação mensal, da cidade de S. Salvador, Bahia. Fórmam o corpo redaccional os academicos Assis Souza, Parente Vianna, Gaspar Victoria e Octacilio Sampaio. Anno I, n.º 1, de 25 de Maio.

O COMMERCIO, órgão hebdomadario e independente, de Santarém, Pará. Ao novo collega agradecemos as gentis referencias sobre a nossa «Revista».

BOLETIM DO ASYLO SANTO ANTONIO, de Estancia, Sergipe, Anno I, n.º 9.

A PALADINA DO LAR, publicação mensal, do Estado da Bahia, tendo como secretaria a exma. sra. d. Maria Elisa Muniz de Aragão. Opportunamente daremos sobre a mesma noticia mais desenvolvida.

Não obstante o numero crescido de paginas de que se compõe a presente edição da «Revista Escolar», ficaram ainda diversas materias, algumas das quaes já compostas e revistas, o que, gostosamente, faremos no p. numero, pedindo innumeradas desculpas aos respectivos srs. colaboradores.

Aos magnos esforços alliados á pericia e bom gosto artis-  
tico dos Srs. operarios José Martins, Francisco Gonçalves  
da Justa e Joaquim Alves de Oliveira deve o presente nu-  
mero da REVISTA ESCOLAR o apresentar-se hoje, na data  
do 10.º anniversario de sua fundação, trajada de soberbas  
e fúlgidas roupagens, cada um dos quaes concorrendo, de  
commum accordo com as suas aptidões, afim de dar a es-  
ta edição o mais vívido realce e um certo tom de origina-  
lidade, palpitantes em todas as suas paginas \_\_\_\_\_



# Estados Unidos da America do Norte

## A Brazilian Guardian Institution

E' dirigida por antigos educadores brasileiros e por educadores americanos que têm o encargo immediato dos estudantes.

Conhecendo as condições, os habitos, as necessidades de seus jovens patricios, que vêm em demanda da educação estrangeira, os directores podem ser ali os representantes immediatos dos paes:

Na escolha de uma boa escola:

No entender-se com os respectivos directores e professores;

No provimento das cousas necessarias aos estudantes:

Na assistencia aos mesmos com o conselho e o carinho; e

Nas providencias immediatas exigidas por determinadas occurrências da sua vida no estrangeiro.

---

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: BRAZEAU

**NEW - YORK**

---

Pedir informações nesta capital ao seu representante  
PROF. J. DA C. NOGUEIRA—Rua Senna Madureira, 113 A Fortaleza